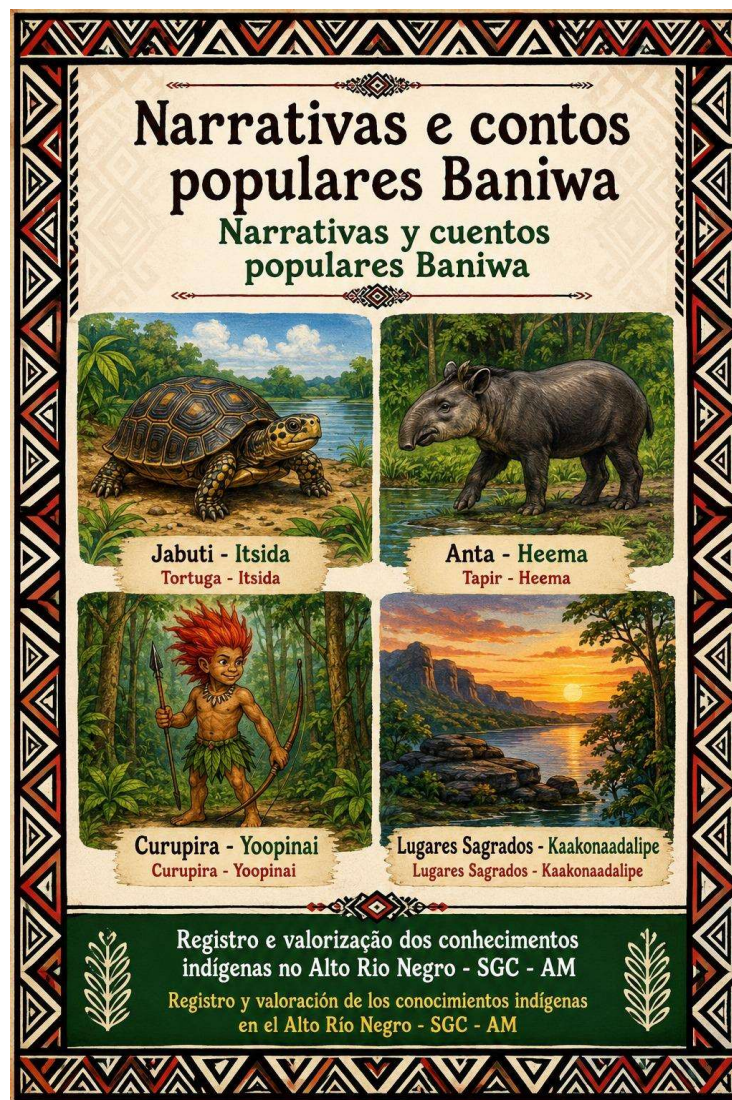


| LEETRA • Indígena |

Revista do Laboratório de Linguagens LEETRA/ Universidade Federal de São Carlos



Narrativas e Contos populares Baniwa

Daniel Benjamin (Organizador)



LEETRA INDÍGENA

REVISTA DO LABORATÓRIO DE LINGUAGENS LEETRA

Universidade Federal de São Carlos

VOLUME 27 – Nº 1 – 2026

Narrativas e Contos populares Baniwa



Universidade Federal de São Carlos

Reitor

profª. Dra. Ana Beatriz de Oliveira

Vice-Reitor

profª. Dra. Maria de Jesus Dutra Reis

Universidade Federal de São Carlos - Campus São Carlos
Rod. Washington Luís, km. 235 - Departamento de Letras - Sala 07
CEP: 13.565-905 - São Carlos – SP
www.leetra.ufscar.br/
grupo.leetra@gmail.com



LEETRA INDÍGENA. v. 27, n. 1. Narrativas e Contos populares Baniwa – São Carlos:
SP: Universidade Federal de São Carlos, Laboratório de Linguagens LEETRA.

Periodicidade semestral.

ISSN: 2316-445X

1. Literatura indígena 2. Literatura brasileira 3. Sociedades indígenas brasileiras.

Revista do Laboratório de Linguagens LEETRA
Universidade Federal de São Carlos - SP - Brasil
Volume 27 - N. 1 - 2026 - ISSN 2316-445X

Conselho Editorial

Ademario Ribeiro Payayá
Antônio Fernandes Góes Neto
Daniel Munduruku
João Paulo Ribeiro
Maria Sílvia Cintra Martins
Natália freire Belenttani
Robin Wright

Editora

Maria Sílvia Cintra Martins

Editoração

João Paulo Ribeiro

Capa

Daniel Benjamin

Revisão

Antônio Fernandes Góes Neto
João Paulo Ribeiro
Maria Sílvia Cintra Martins
Daniel Benjamim da Silva
Fortunato Vicente
Sílvia Garcia da Silva
Ilda da Silva Cardoso



Prefácio

Este livro é fruto do curso de extensão universitária “Textos do Território”, realizado pelo Centro Universitário e Investigações em Inovação, Reforma e Mudança Educacional (Ceunir) com a organização indígena Nadzoeri, reunindo estudantes do ensino médio, professores em exercício, pesquisadores e lideranças dos povos baniwa e koripako. Nele, os participantes foram convidados a pesquisar sobre seus territórios, reconhecendo-os como fontes de conhecimento e como base para a confecção de atividades para leitura e escrita comprometidas com as realidades baniwa e koripako. Por essa razão, agradecemos ao professor Elie Ghanem (Feusp), coordenador do Ceunir e Termo de Cooperação Técnica entre Ceunir/Feusp e Nadzoeri/Foirn e sua equipe, formada por Diana de Paula Pellegrini, Janaína Aline dos Santos e Souza, Bruna Chung Abate, Beatriz de Oliveira Costa Nunes e Daniella Magalhães Gaeta Ruiz, pelo apoio institucional e planejamento conjunto do curso junto dos professores baniwa e koripako. Durante a realização do curso, também recebemos apoio da Associação Brasileira de Alfabetização (Abalf) e do Laboratório Leetra, coordenado pela prof^a Maria Sílvia Cintra Martins (UFSCar), que incentivou a edição desta publicação.

A proposta de produzir e registrar narrativas que sirvam de subsídio para a alfabetização e letramento dialoga com a trajetória da educação escolar indígena no Alto Rio Negro. Ao longo das últimas décadas, os povos baniwa e koripako têm construído uma proposta de educação diferenciada, que busca articular conhecimentos da escolarização moderna com os saberes tradicionais, as línguas originárias e a relação profunda com o território. Nessa trilha, a escola indígena passa a ser também um lugar de pesquisa e experimentação das formas próprias de ensinar e aprender. As narrativas reunidas neste livro são expressão dessa perspectiva: elas ensinam, orientam, explicam o mundo e podem servir de caminho possível a outros professores indígenas.

O curso contou com a participação de pesquisadores, educadores e lideranças tradicionais baniwa e koripako, que contribuíram com reflexões sobre interculturalidade, educação escolar indígena, ensino via pesquisa e, especialmente, sobre a confecção de recursos didáticos territorializados a partir da discussão teórica sobre multiletramentos. Por essa razão, esse livro apresenta as narrativas pesquisadas conectadas a imagens e vídeos, tendo em vista que as tradições



orais e visuais podem ser fortalecidas em intertextualidade com as práticas de leitura e escrita. Ele também reforça a importância de ler e escrever a partir do próprio território, através de produções de autorias baniwa e koripako. Registrar as narrativas de uma maneira resumida foi o gesto político-pedagógico de um dos mais de 20 grupos de trabalho formados durante esse curso, com base nas afinidades por microrregiões do território baniwa e koripako: Alto Içana, Médio Içana I, Médio Içana II, Baixo Içana, Ayari, Querari, Cuiari, Médio Rio Negro II e sede urbana de São Gabriel da Cachoeira. Portanto, essa iniciativa do grupo Kadzakaapali também significa manter viva a língua baniwa, e garantir que as futuras gerações tenham acesso a esses saberes desde a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental.

Agradecemos a todos os cursistas, pela sua dedicação às pesquisas sobre textos do seu território ao longo dos 5 meses de curso, assim como a todos os professores convidados a colaborar com suas experiências: Gabriela Nogueira (Furg/Abalf), Maria Sílvia Cintra Martins (Laboratório Leetra/UFSCar), João Paulo Ribeiro (Laboratório Leetra), Sandoval Nonato (Feusp), Francisco Edviges (UFNT), Josélia Gomes Neves (Unir), Artur Garcia (UnB/MPEG), Thiago Chacón (UnB), Eloísa Pilati (UnB), Marcelo Borari (Coletivo Makira)), Flora Cabalzar (Instituto Iepé), Hugo Prudente (Instituto Iepé) e Soledad Mena Andrade (UASB-e). Agradecemos também à equipe da Secretaria Municipal de Educação & Educação Escolar Indígena do município de São Gabriel da Cachoeira (SEMEDI, SGC-AM), pelo seu apoio institucional ao curso. Que estas páginas sirvam como um dos caminhos possíveis de aprendizado, de reconhecimento e de fortalecimento das identidades indígenas do Alto Rio Negro.

Antônio Fernandes Góes Neto (Laboratório Leetra/Ceunir)

João Paulo Ribeiro (Laboratório Leetra)

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho é resultado de um grupo de trabalho formado no curso de extensão universitária “**Textos do Território**”, promovido pelo CENIR/FEUSP em parceria com a organização indígena Nadzoeri, que envolveu professores em atividade e acadêmicos baniwa e koripako. O grupo definiu o tema “Narrativas e contos populares Baniwa”, com o intuito de registrar, valorizar e fortalecer os conhecimentos tradicionais do próprio povo, situado na região do **Alto Rio Negro**, como parte da política de educação escolar indígena, no município de **São Gabriel da Cachoeira, Amazonas**. Neste trabalho, foram registradas apenas algumas narrativas de conto popular, mitos, lugares sagrados da região do rio Içana, território tradicional do povo baniwa e koripako e conhecimentos que fazem parte da memória coletiva do povo Baniwa, que representam a forma de transmissão de valores, ensinamentos, modos de vida e da relação com o território.

Os contos populares normalmente são longos, mas, nestes trabalhos, decidimos transcrever estas, resumidamente, pois o público pretendido são as crianças. Mas fica aberto e livre para adaptação e criatividade do professor(a) em planejar uso destes textos, para que sirva de apoio pedagógico aos alunos e professores. E que sirva de exemplo, para seguirmos registrando e publicando os textos do nosso território, e que circule livremente entre os pesquisadores e o nosso povo para leitura, crítica e discussão para ajustes e melhorias. O material visa contribuir para o processo de ensino e aprendizagem, fortalecendo a presença dos conhecimentos indígenas dentro da escola baniwa e koripako e valorizando a educação escolar indígena diferenciada.

As narrativas indígenas são caminhos de preservação da identidade cultural. Por meio delas, são transmitidas as histórias, os ensinamentos dos ancestrais, a mitologia e cosmologia indígena, os conhecimentos sobre natureza, território e vida comunitária e os valores culturais e espirituais. Registrar as narrativas significa, portanto, manter a língua viva, fortalecer a cultura e garantir que as futuras gerações tenham acesso aos saberes deixados pelos antigos. O trabalho representa dados demonstrativos dessa riqueza de conhecimentos que temos como povos indígenas, e o desafio na valorização das línguas, dos conhecimentos culturais e tradicionais de cada povo indígena do Alto Rio Negro.



A tradução dessas narrativas para o espanhol é um passo fundamental para ampliar o diálogo intercultural e fortalecer as redes de circulação dos saberes indígenas na região amazônica. Considerando a presença histórica e a proximidade territorial dos povos baniwa e koripako na Colômbia e na Venezuela, a versão em espanhol permite que essas histórias alcancem comunidades vizinhas que compartilham vínculos linguísticos, culturais e cosmológicos. Além disso, contribui para a valorização e a visibilidade das línguas e tradições indígenas em um contexto transfronteiriço, favorecendo intercâmbios, reconhecimentos mútuos e a continuidade dessas narrativas entre diferentes gerações e territórios. E, desde já, manifestamos agradecimento à equipe envolvida no **Curso de Extensão “Textos do Território” (Ceunir/Feusp)**¹, em parceria com a **Nadzoeri**, no ano de 2026.

Os Autores

Daniel Benjamim da Silva
Fortunato Vicente
Gilberto Garcia Filho
Ilda da Silva Cardoso
José Apolinário Venceslau
Orlando Garcia Gonçalves
Silvia Garcia da Silva

¹Gravações do curso disponíveis em:
https://youtube.com/playlist?list=PLONugAQoA_58CfzxjYMXbeZq79L4Qwjy&si=XuTC7pNgG_YxYRrg

PRESENTACIÓN

El presente trabajo es resultado de un grupo de trabajo conformado en el marco del curso de extensión universitaria “Textos do Território”, promovido por el CENIR/FEUSP en colaboración con la organización indígena Nadzoeri, en el que participaron profesores en ejercicio y académicos baniwa y koripako. El grupo definió el tema “Narrativas y cuentos populares Baniwa”, con el propósito de registrar, valorar y fortalecer los conocimientos tradicionales del propio pueblo, situado en la región del Alto Río Negro, como parte de la política de educación escolar indígena en el municipio de São Gabriel da Cachoeira, Amazonas. En este trabajo se registraron únicamente algunas narrativas de cuentos populares, mitos, lugares sagrados de la región del río Içana, territorio tradicional de los pueblos baniwa y koripako, así como conocimientos que forman parte de la memoria colectiva del pueblo Baniwa y que representan formas de transmisión de valores, enseñanzas, modos de vida y de relación con el territorio.

Los cuentos populares suelen ser extensos; sin embargo, en estos trabajos decidimos transcribirlos de manera resumida, pues el público al que están destinados son los niños. No obstante, queda abierta y disponible la posibilidad de adaptación y creatividad por parte del profesor o profesora al planificar el uso de estos textos, de modo que sirvan como apoyo pedagógico para alumnos y docentes. Asimismo, esperamos que sirvan de ejemplo para continuar registrando y publicando los textos de nuestro territorio, y que circulen libremente entre investigadores y nuestro pueblo para su lectura, crítica y discusión, con miras a realizar ajustes y mejoras. El material busca contribuir al proceso de enseñanza y aprendizaje, fortaleciendo la presencia de los conocimientos indígenas dentro de la escuela baniwa y koripako y valorando una educación escolar indígena diferenciada.

Las narrativas indígenas son caminos para la preservación de la identidad cultural. A través de ellas se transmiten las historias, las enseñanzas de los antepasados, la mitología y la cosmología indígenas, los conocimientos sobre la naturaleza, el territorio y la vida comunitaria, así como los valores culturales y espirituales. Registrar las narrativas significa, por lo tanto, mantener viva la lengua, fortalecer la cultura y garantizar que las futuras generaciones tengan acceso a los saberes legados por los antiguos. El trabajo representa una muestra de la riqueza de conocimientos que poseemos como pueblos indígenas, así como del desafío de valorar las lenguas y los conocimientos culturales y tradicionales de cada pueblo indígena del Alto Río Negro.



La traducción de estas narrativas al español constituye un paso fundamental para ampliar el diálogo intercultural y fortalecer las redes de circulación de los saberes indígenas en la región amazónica. Considerando la presencia histórica y la proximidad territorial de los pueblos baniwa y koripako en Colombia y Venezuela, la versión en español permite que estas historias lleguen a comunidades vecinas que comparten vínculos lingüísticos, culturales y cosmológicos. Además, contribuye a la valoración y visibilización de las lenguas y tradiciones indígenas en un contexto transfronterizo, favoreciendo los intercambios, el reconocimiento mutuo y la continuidad de estas narrativas entre diferentes generaciones y territorios. Desde ya, expresamos nuestro agradecimiento al equipo involucrado en el Curso de Extensión “Textos do Território” (CEUNIR/FEUSP)², en colaboración con Nadzoeri, durante el año 2026.

Los autores

Daniel Benjamim da Silva
Fortunato Vicente
Gilberto García Filho
Ilda da Silva Cardoso
José Apolinário Venceslau
Orlando García Gonçalves
Silvia García da Silva

² Grabaciones del curso disponibles en:
https://youtube.com/playlist?list=PLONugAQoA_58CfzxfjYMXbeZq79L4Qwjy&si=ybfrN02H6U_pJk01

Lhiehe apada wadenhikale wha ikadzekataakakape lirikoda lhiehe Curso “Texto do Território - CEUNIR/FEUSP/Nadzoeri - 2026”, wakoenai iemakape Hiipanako (SGC).

Lirikoda lhiehe, wadana nanako nhahaa nakaitepenipe, historianai tsooperitsa. Neeni watsa nanakoperi nha: awakarona, itsida, kophenai, nheette apadawa itsirinai tsakha. Neeni linakodali wawheri heema, koame lhiameetaka nhaaha apadawa.

Historianai matsiaperi nheette kaweenaperi tsakha, apadawa kawainaperi, neeniperi weemakaawaliko Inialiriko.

Pilee kadanako watsa lhiehe manope watsa piokeetaka pianhee histórianai, nhaa wakanhekanai oo wawherinaipe ikaitepenipe oophittetsa ayaha wadzakaperiko.

Wadana nhaa waakoliko baniwa, neeni tsakhaa português, nheette tsakha espanhol.

Wadana nhaa historianai hatha-hatametsa, hoiwiperitsa paleeka naapidza nhaa yenipettipe. Metsa wakaite tsakha, nhaaha historianai yapiperi nhaana, ittaita watsa idanaka phiona nhaa yomakadaa. Nheette neni tsakha pandza watsa liodzawaaka lhiehe historia, ima kadzoka nhaaha nakaitepenipe nhaaha wawherinaipe, neeni lipoadzaka wanaikika nakhitte.

Wadeenhikadanako nhaa, wanhenitsa manope ianhenipe apadawa. Wakaite irhio, warha wadana nha, wakapa nha wainaiwaaka, nheette walhiokaro nhaa papera liko oo “mídia pdf”, naapidza nhaaha yenipettipe walimanai, pandzaperi nheette nhaa inoli ttoa watsa.

Ikametsa! Grato! Gracias!

Parte I: CONTOS POPULARES



Pimi nheette Maguari

Pimi loamitha iameetaka maali maguari. Maapi pimi, ihlwawa ooniriko. Maali ideeketsani até peemali ooni.

Beija-flor e Garça Maguari

Beija-flor desafia o Garça numa corrida de voo. O beija-flor cansou e caiu na água; a garça o resgatou. Moral: não seja orgulhoso.



Ilwinitakaita nheette wiritdikawali

Ilwinitakaita irowa yopinai wiritdikawali ikawanako. Lihwita lhiekoawa.

O Caçador e o Curupira - Perna-Longa

Um caçador numa manhã, encostou num tronco, e era na perna de curupira - perna-longa. Sua perna camuflada de líquens.



Ilwinitakaita nheette Yamoadoa

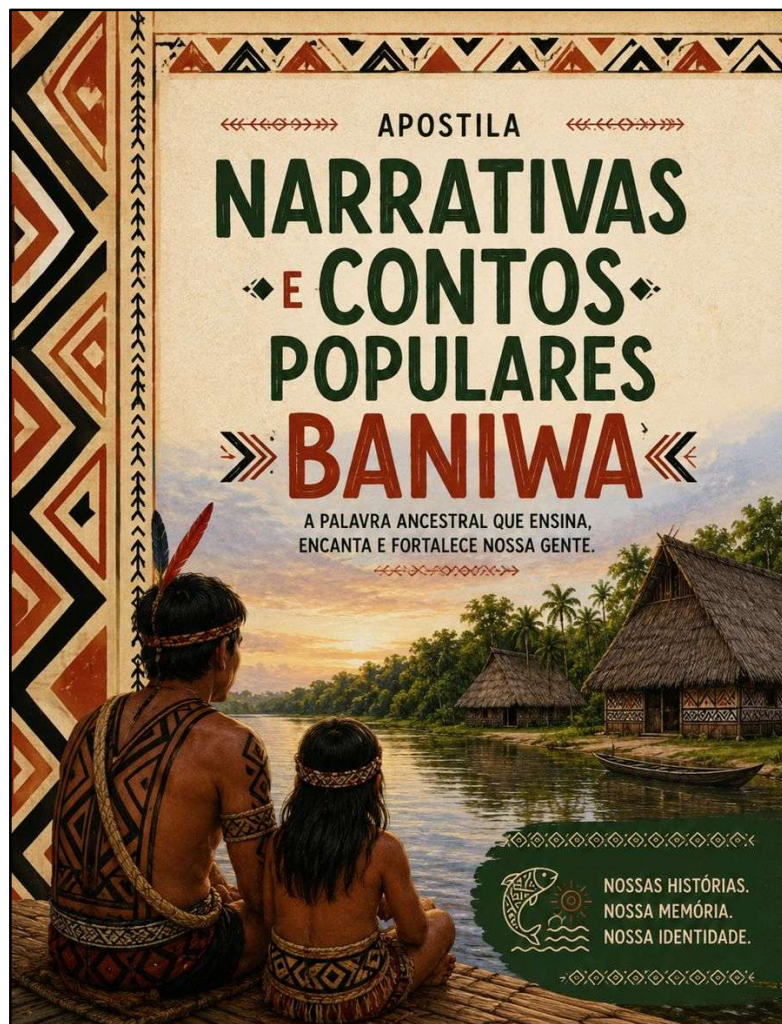
Ilwinitakaita iokeeta Yamoadoa, ikamaska dzaaka inaopoliko, keeniperdaro. Lidawaaka litoda kapitsiri roenipe itsotaliko. Rowana: Mapiwada haniri.

O Caçador e a Yamoadoa

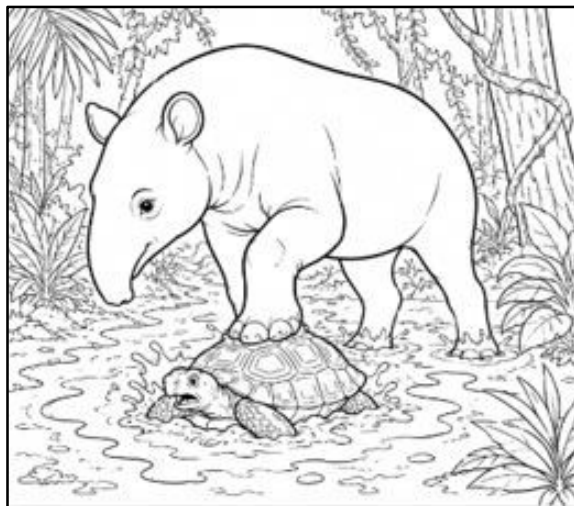
O caçador encontrou Yamoadoa que pescava camarão no Igarapé. E espetou na unha do bebê da curupira a ponta da flecha por curiosidade. Ela tentou pegá-lo, mas ele espantou-a com a zarabatana. Ela fugiu gritando: “Pai do Mapiwada, não sei o que eu vi!”



PARTE 1: CONTOS POPULARES BANIWA



1. Heema nheette Itsida



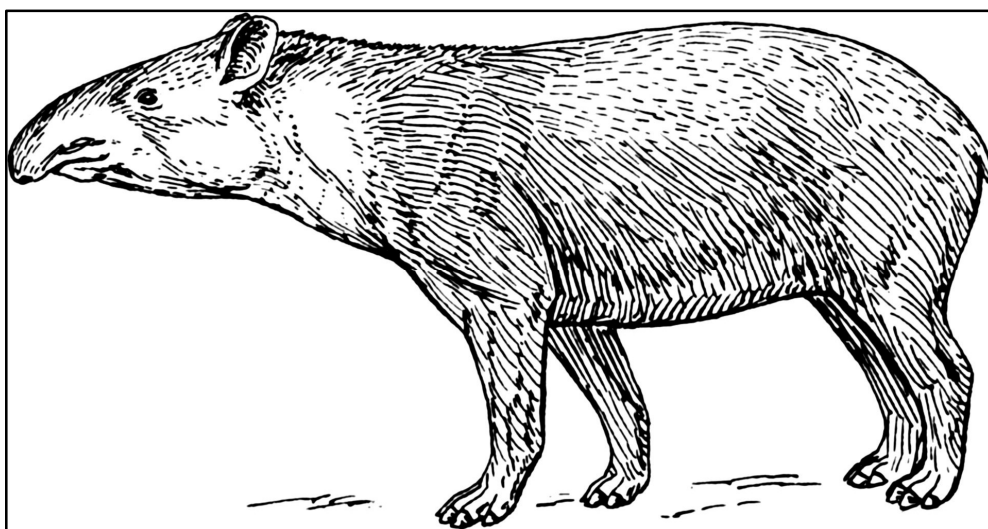
Apawali pia pida hekoapi,
heema iphoa itsida hiewawa motowhaa liko liapowa liko.
Nheette keeroa pida lhiehe itsida.
Lipineeta pida heema, atee lia limhoa heema ikalewhenako, nheette liinoa pideeka
heema.

(Daniel B. Silva – Prof. Baniwa)

1.1 A anta e o Jabuti

Era uma vez uma anta que caminhava em sua trilha,
viu o Jabuti e pisou nele e foi embora.
O Jabuti ficou furioso e seguiu a anta.
Depois de muito tempo perseguindo-a, mordeu no saco e matou a anta.

(Daniel B. Silva – Prof. Baniwa)

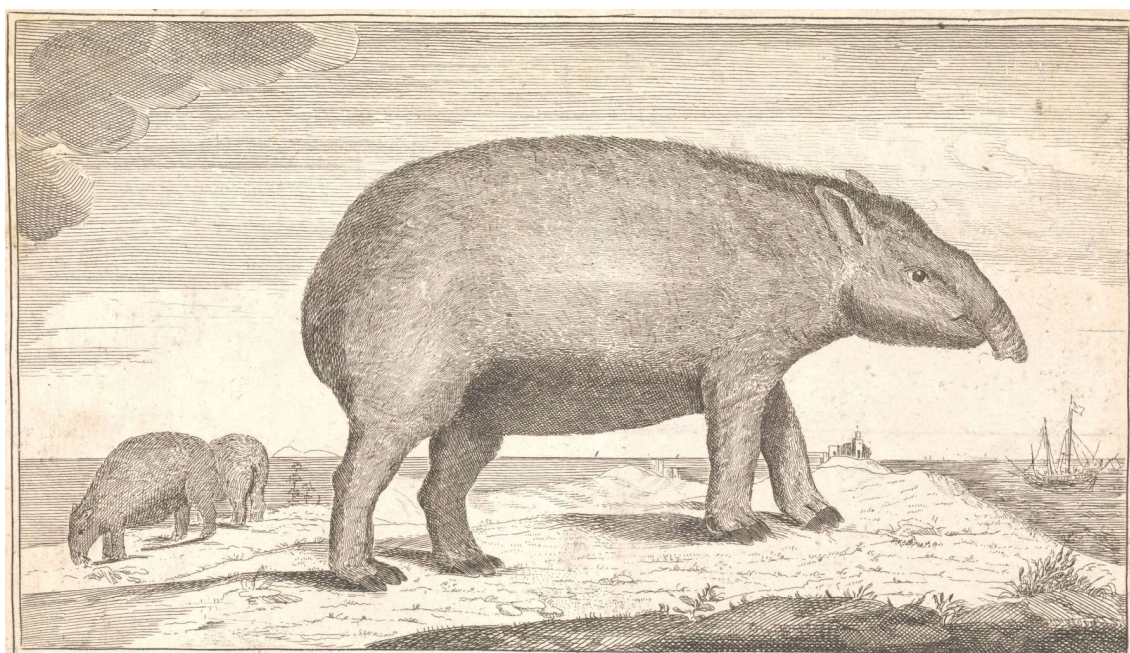


w: *Tapir* (Pearson Scott Foresman, 2007)

1.2 La danta y la tortuga

Había una vez una danta que caminaba por su sendero.
Vio a la tortuga, la pisó y siguió su camino.
La tortuga se enfureció y fue tras la danta.
Después de mucho tiempo persiguiéndola, la mordió en los testículos y la mató.

(Daniel B. Silva – Prof. Baniwa)



Tapir amazónico (1776). Madrid, Museo del Prado.

2. Dzaawi nheette Itsida

Apawali pia pida hekoapi, Itsida iowhaa iphia liwaaloni:

Pim-piri-rim, pim! pim!

Pim-piri-rim, pim! pim!

Nheette maatshi pida Dzaawi himaka lirrhi.

Ima Dzaawi yapimi ka pida lhiehe liwaaloniri.

Neeni pida Dzaawi hiako: makadawali, noakaro nhoiñha ni.

Liwatsha pida linako.

Metsa kheedzakalimi pida liwatshaa lhiewawa haikopali riko dzaawi iodza.

Lhipatsa tha pida itsida ikaapi nako.

- Haikopali tsa lhie phipali, pida itsida iako.

(Daniel B. Silva – Prof. Baniwa)



2.1 O Jabuti e a Onça

Certo dia, o jabuti estava sentado em seu jardim.

Tocava sua flauta:

- Pim-piri-rim, pim! Pim!

- Pim-piri-rim, pim! Pim!

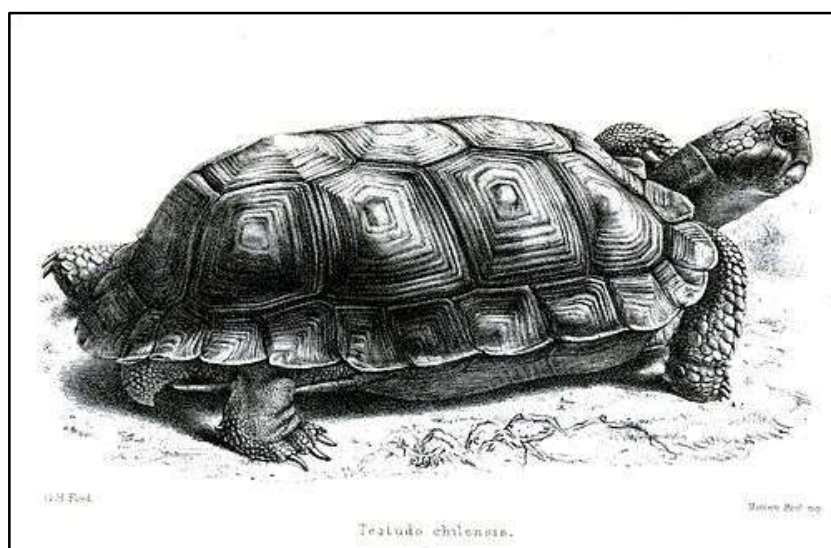
E a onça escutando ficou brava.

Pois a sua flauta era feita de osso da onça.

Ela foi e tentou agarrá-lo para comer.

Mas o Jabuti, rápido, pulou para o buraco e escapou.

(Daniel B. Silva – Prof. Baniwa)



Chelonoidis chilensis (Gray, 1870)

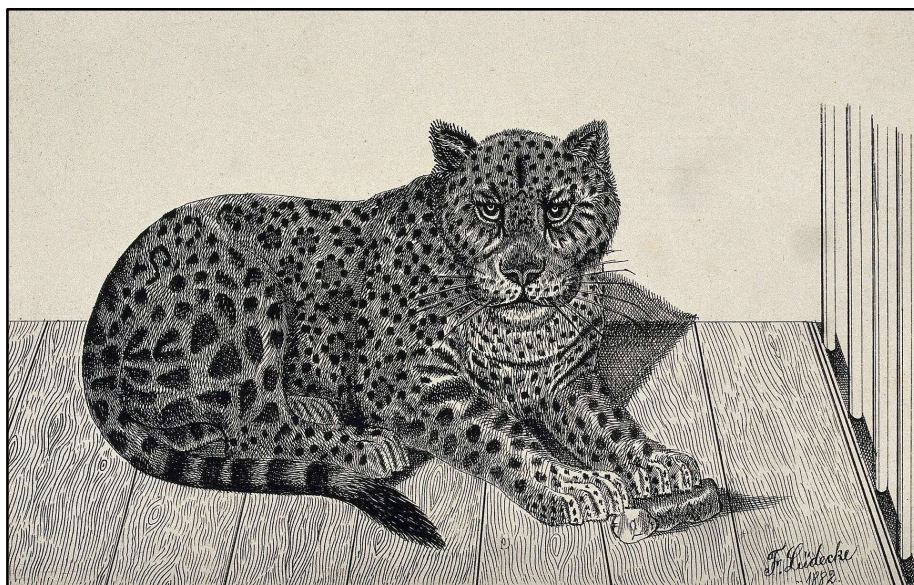
2.2 La tortuga y el jaguar

Un día, la tortuga estaba sentada en su jardín.
Tocaba su flauta:

— Pim-iri-rim, pim! Pim!
— Pim-iri-rim, pim! Pim!

Y el jaguar, al escuchar, se enfureció,
pues la flauta estaba hecha con hueso de jaguar.
Fue a intentar atraparla para comérsela,
pero la tortuga, rápida, se metió en su agujero y escapó.

(Daniel B. Silva – Prof. Baniwa)



Uma onça em um recinto. (F. Lüdecke, 1888)

3. Iwinitakaita nheette Yopinai Wiritsiikawali

Apawali pia pida neeni apaita mikoiri iwinitakaita.

Apawali heekoapi, likawhi lia lioama lioko mare.

Nheette pida liaka lhima nhaa iĩnhape, naweretaka:

- pa-la, pa -la!

- pa-la, pá-la!

Nheette pida liako: Koaka tshaa nhaaha?

Likabokonhi pidawa, liomaktha likapaka koaka nhaa iĩnhali.

Nheette liro pida apana haiko nako.

Nheette kananika: tsiko-tsikome pida lianhe haiko.

Liwhio pida lidia lhiekowa.

Liwana pida: Eee!!!!Panhe koaka nokapli!!!!

Nheette pida lhiepani lhiehe yoopinai:

-Wiriitsiikawali pandza lhie pikapali, pida lhima liako.

(Daniel B. Silva – Prof. Baniwa)



3.1 O caçador e o Curupira pernalonga

Certo dia um caçador como de rotina.

Saiu cedo de madrugada da sua casa para flechar o jacu³ no caminho da roça.

Em certo ponto da trilha, ouviu barulho de frutas caindo:

- pa, pa, pa.

O caçador tentou identificar que animal ou ave, que ali comia as frutas.

Rodeou e rodeou e nada de identificar.

E em certo momento, se apoiou num tronco.

E sentiu o tronco se mexer.

De susto saiu correndo dali e gritando:

- Ohhh, não sei o que eu vi.

E ele ouviu alguém respondendo:

- Deve ser Curupira – perna - de liquens.

Daí em diante descobriu que havia Curupira de perna de liquens.

(Daniel B. Silva – Prof. Baniwa)



Penelope jacquacu, 1825

³ *Penelope jacquacu*

3.2 El cazador y el Yuruparí de piernas largas

Un día, como de costumbre, un cazador salió de madrugada de su casa para flechar jacú en el camino hacia la chakra.

En cierto punto del sendero, oyó el ruido de frutas cayendo:

— pa, pa, pa.

Intentó identificar qué animal o ave estaba comiendo allí.

Rodeó y rodeó, pero no encontró nada.

En un momento se apoyó en un tronco
y sintió que el tronco se movía.

Asustado, salió corriendo y gritando:

— ¡Ohhh, no sé lo que vi!

Entonces oyó a alguien responder:

— Debe ser el Yuruparí de piernas de líquenes.

Desde entonces descubrió que existía el Yuruparí de piernas de líquenes.

(Daniel B. Silva – Prof. Baniwa)



Reunión del prof. Elie Ghanem (Feusp) con Daniel Benjamin en la comunidad Tunuí-Cachoeira, en el año de 2019.

4. Pimi nheette Maguari



Apawali pia pida heekoapi, pimi iomatha hiametaka maguari.
Pida liako: - warha waxaa wakapa koaka ikeñoeta yookawa peemani oonidiaka.
Maguari hiepa pida ni: matsia, warhakatha.
Naara khaapani pida ooni iika atee peemalhe.
Metsa pamodzoatsa pida pimi ia hiwawa ooniriko.
Maguari idekeetsa pida ni atee peemalhe.
Kadzoxoopsa pida, mapadalekatsa pha apada irhio.
litañeetakarotsa watsa phaa koamekadanako padzeenaka.

(Daniel B. Silva – Prof. Baniwa)

4.1 Beija-flor e Maguari

Certo dia o Beija-flor encontrou-se com o Maguari⁴ e disse:

Oi, meu amigo, tudo bem?

Vamos disputar voo para ver quem chega primeiro para outro lado do mar?

Maguari respondeu: - Tudo bem, vamos.

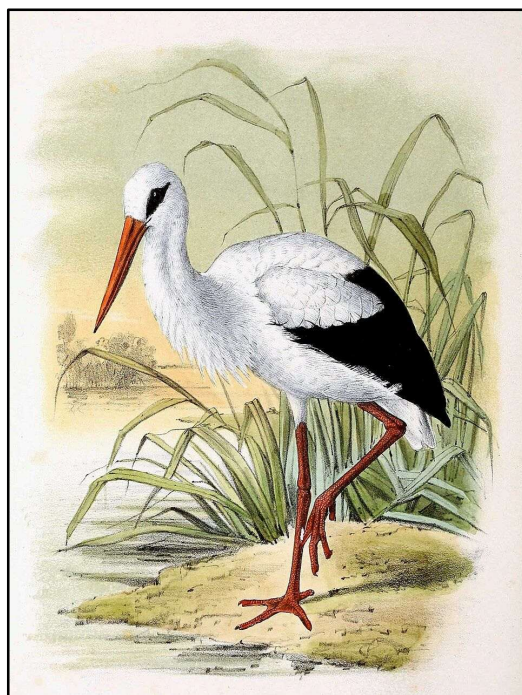
Na manhã seguinte, os dois voaram e voaram.

Em certo ponto o beija – flor cansou e caiu na água.

E teve que ser resgatado pela Maguari para chegar até outro lado.

Moral da história: não seja orgulhoso, respeite para ser respeitado.

(Daniel B. Silva – Prof. Baniwa)



Ciconia ciconia (1869)

⁴ *Ciconia maguari*

4.2 El colibrí y la garza Maguarí

Un día el colibrí se encontró con el Maguarí y le dijo:

— Hola, amigo, ¿todo bien?

— ¿Vamos a competir en vuelo para ver quién llega primero al otro lado del mar?

La garza respondió:

— Está bien, vamos.

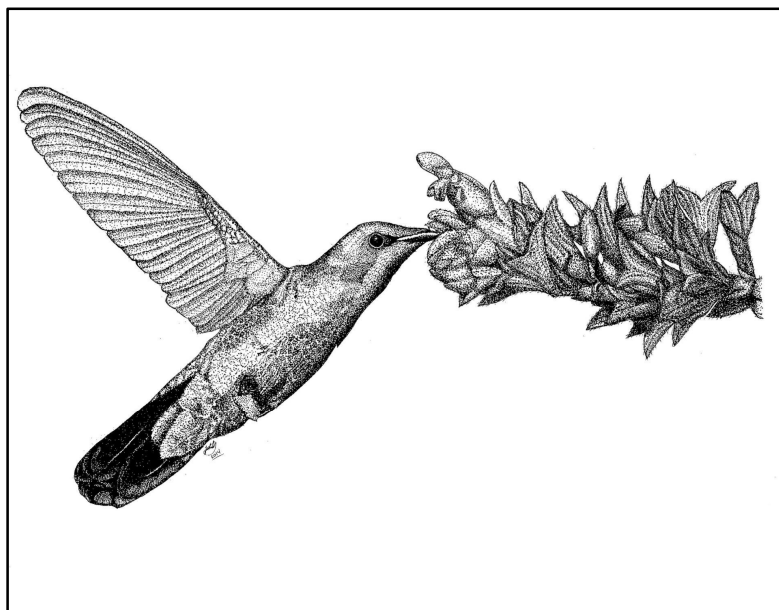
A la mañana siguiente, los dos volaron y volaron.

En cierto punto, el colibrí se cansó y cayó al agua.

Y tuvo que ser rescatado por el Maguarí para llegar al otro lado.

Moraleja: no seas orgulloso, respeta para ser respetado.

(Daniel B. Silva – Prof. Baniwa)



Colibri thalassinus (Juan Loaiza Piedrahita, 2014)

5. Iwinitakaita nheette Yamoadoa



Apawali pia pida hekoapi, apaita iwinitakaita awakadaliko.
Nheette likapa Yamoadoa keenipedaro, rokamaaka dzaaka.
Likapa pida roenipe irhoaka ponamaphe riko.
Liakhapani pida litoda likapitsire, roenipe itsotaliko.
Nheette pida liidzaka horedali.

Pida roako: - Koameka phia noenipe?

Nheette pideeka nawiki, lhira haikonako likapakaro koameka rodeenikha ni.
Nheette pida, rokapa pida linaaphiami ooniriko, lhiehe nawiki.
Ropataka tha pida rhopakaro ni, roawadaka pida pawada onirikokani.
Rodiena pida rhoreta rokapa, haikonako kani.
Rowatshaa pida rorhoa, rodakatha liikalhe, roinoakaro tha pida ni.
Liphia khapani pida roikalhe limawipi: - Phararame!!!!
Ikametsa pideeka rhotaka rhoekoita roenipe.

Me pida roako: - Mapiwaada hanirii, panhe koaka nokapali!
Me pideeka rhoekokawa.
Liokeeta pida lianhe Mapiwaadaka noada lhieka roenipe iipitana.

(Daniel B. Silva – Prof. Baniwa)

5.1 O Caçador e a Yamoadoa

Certo dia, o caçador foi caçar na mata.

E num igarapé ele avistou de longe uma mulher curupira, Yamoadoa.

Ela estava pescando camarão no igarapé.

E na beira do igarapé, deixava o seu bebê na folha de patauá⁵.

E o caçador foi e espetou a sua flecha na unha do bebê curupira.

E o bebê começou a chorar. E o caçador subiu na árvore para ver a reação da mãe.

E a mãe pegou o bebê, virou e revirou e nada de descobrir o motivo do choro.

E, de repente, avistou o reflexo da imagem do caçador na água e tentou pegá-lo.

Achava que estava na água. E nada.

E depois viu que o caçador estava na árvore, e tentou acertar nele o seu mijo venenoso.

O caçador fez forte barulho com a sua zarabatana para espantar.

E a curupira, Yamoadoa, pegou seu bebê e saiu correndo na mata adentro.

E gritou: - Pai do Mapiwada, não sei o que eu vi!

E assim o caçador descobriu que o nome do bebê era Mapiwada.

(Daniel B. Silva – Prof. Baniwa)



Foto de cerâmicas das mulheres Baniwa do rio Ayari⁶.

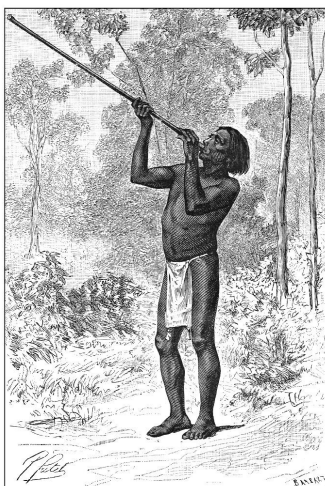
⁵ *Oenocarpus bataua*

⁶ Esta foto é parte de uma exposição online, disponível em:
<https://artsandculture.google.com/u/1/story/HwVBSijYoLTtKA>

5.2 El cazador y la Yamoadoa

Un día un cazador fue a cazar en la selva.
En un igarapé vio a lo lejos a una mujer curupira, la Yamoadoa.
Ella estaba pescando camarones.
En la orilla había dejado a su bebé sobre una hoja de patauá.
El cazador se acercó y clavó su flecha en la uña del bebé.
El bebé comenzó a llorar,
y el cazador subió a un árbol para ver la reacción de la madre.
La madre tomó al bebé, lo revisó de todas las maneras,
pero no encontraba la causa del llanto.
De repente vio el reflejo del cazador en el agua
e intentó atraparlo, pensando que estaba allí.
Luego se dio cuenta de que estaba en el árbol
e intentó alcanzarlo con su orina venenosa.
El cazador hizo un fuerte ruido con su cerbatana para espantarla.
Entonces la Yamoadoa tomó a su bebé y huyó hacia la selva, gritando:
— ¡Padre de Mapiwada, no sé lo que vi!
Así el cazador descubrió que el bebé se llamaba Mapiwada.

(Daniel B. Silva – Prof. Baniwa)



Hombre piaroa sosteniendo una cerbatana (Crevaux y Lejanne 1882, p. 295)

6. Kalitta Toonowina nakodali



Oopipia apaita Tsianli kainoite. Neemapia pia pida Wattaanami, Toonowi poawalheema.

Kattiima neemapiaka, nadeenhika pakoaka.

Nheette apawali heekopi rhoaha iinaro romaka roiniri. Nheette inonaa neemaka kadzokadzami nhaa.

Nheette tsianli, liwapiñeeta, koamepia nakaiteka lirrhuo nhaaha liwherinaipemi, linako lhia hiidzapa Wattanamina. Neenika tapee monotsi. Liwapiñeta limonotsitakaro rhoa, rodiakaro roema liinai.

Neeni liitakawa, liakaro hidzapanakolhe. Lhira pidawa hidzapanako. Neerhe liokeeta apaaphi halapokoli waalialima, iitewi yeema pida pamodzoa.

Deepi pida ni hidzapa ipoliko. Neeni pida lhiraka limaa iitewi iwataliko kainakapi. Nheette dorome pheena, iitewi iinaka iwerawa: - thobo! Nheette kophe iinãha pida lhima liapirhe: - kabao! kabao! Oopi pida noada ooni imottawa lianheekheriko, deepitsa ayaana hidzapa ipoliko. Nheette theewadzole deepitto, lia lhita monotsi, dheette lidia liorokowa lidzakalherhe.

Nheette limonotsita pida rhoa liino, dheette rodia ropedzoni, nhette roema tseenakha pida liinai. Nheette kattiwa neemaka tsenakhaa nainaiwaaka kadzodali iphomitte.

Nheette pida ayaaha hidzapa ipoliko, hore nhaa tonoda. kadxoxopa pida liipitana hidzapa Ttonowina. Kadxokaro pida Toonowika tsakha lipitana dzakalee Ttoonowi (“Tunui”).

(Fortunato Vicente – Prof. Baniwa)

6.1 Lago da Serra de Tunuí

Há muito tempo, havia um casal, moravam num sítio chamado “Wattanami”, mais tarde renomeado de Seringa Rupitá, sítio acima da localidade Tunuí Cachoeira.

Ali eles viviam felizes e trabalhavam juntos.

Depois, a mulher decidiu se separar do marido, e ele ficou muito triste.

O homem lembrou dos ensinamentos das suas bisavós, que na serra de Tunuí, havia ali remédio de superstição para atrair mulheres (pusanga). Esse é um conhecimento indígena para conquistar ou reconquistar para o casamento.

Então, ele jejuou de acordo com as orientações. E foi até o topo da serra para buscar o remédio. Saiu cedo e pernitoou no topo. No topo havia uma pequena clareira com plantinhas diversas e dentre elas umirizais⁷ e no centro ficava dois pés de buriti⁸. Para sua segurança, subiu para dormir na baina de buriti, e estava com os cachos de frutas. Já nas altas horas da noite, uma fruta caiu e ouviu que estava sobre água. Na dúvida, tirou mais uma, jogou e ouviu que, de fato, estava sobre a água. E nesta hora também ouviu barulho de peixe nadando e comendo no lago. E quando amanheceu, estava tudo normal, seguiu a orientação e foi tirar o remédio. E voltou para sua casa e fez uso do remédio, e reconquistou a sua esposa e voltaram a viver felizes juntos.

Nesta serra, havia muito inseto “Ttonoda” em baniwa, pium, graúdos e pretos. Dizem que a partir destes insetos ttoonoda, é que se originou o nome da serra de Tunuí. E do nome da serra vem o nome da comunidade Tunuí.

(Fortunato Vicente – Prof. Baniwa)

⁷ Área de floresta onde predominam árvores da família **Humiriaceae**, conhecidas regionalmente como umiris.

⁸ *Mauritia flexuosa*

6.2 Lago de la Sierra de Tunuí

Hace mucho tiempo, había una pareja que vivía en un lugar llamado Wattanami, después renombrado Seringa Rupitá, arriba de la comunidad de Tunuí Cachoeira. Vivían felices y trabajaban juntos.

Un día, la mujer decidió separarse, y el hombre quedó muy triste.

Recordó las enseñanzas de sus bisabuelas: en la sierra de Tunuí había una pusanga para atraer o reconquistar a una mujer.

Entonces ayunó siguiendo las orientaciones y subió a la cima de la sierra.

Pasó la noche allí.

En la cima había una pequeña claridad con varias plantas, incluyendo umirizales y dos palmas de moriche en el centro.

Subió a dormir en la palma de moriche para protegerse.

Durante la noche, una fruta cayó y oyó que caía sobre el agua.

Probó otra vez y confirmó que había agua.

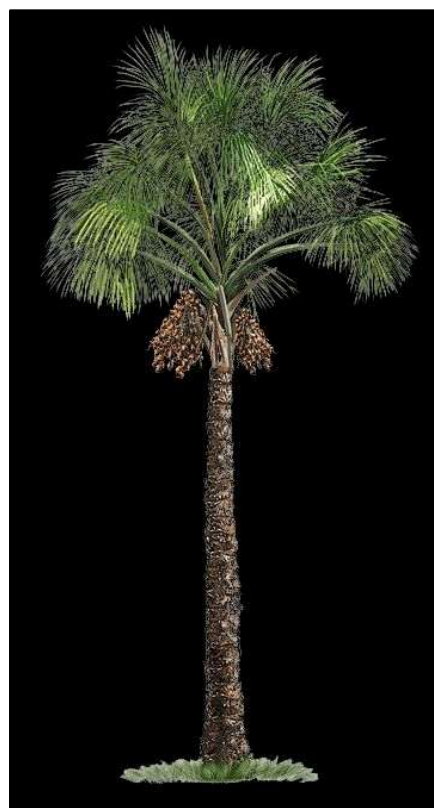
También oyó peces nadando.

Al amanecer, todo estaba normal.

Tomó el remedio, regresó a casa, lo utilizó y logró reconquistar a su esposa.

Volvieron a vivir felices.

(Fortunato Vicente – Prof. Baniwa)



7. Doodol ipole



Lhiehe doodoli-ipolemi pakeetani ayaana Ttonowi ikoemhette, hiipaliko. Lhiehe Dodoli-ipolemi, apada hipadaida, yoopinaida, pida nakaite nhaaha pedaliape. Lhia pideena omawali hipolene, kadzoaha doodoli hipoliapalidzo. Nheette lhiehe, apada hipada. Kadzoxopa phetaponikadaa khewika phaa, matsiapha karoka paa dheerhe. Yenipetti medzenidali, kanopaperi tsakha. Ima lianheekhe iyo litoda lhitako yenipetti hiwidanako, kamena liipakawa oo mepekani, ima limeritaka pidani lipoleriko.

Kadzoxopa lhiehe dodolipole.

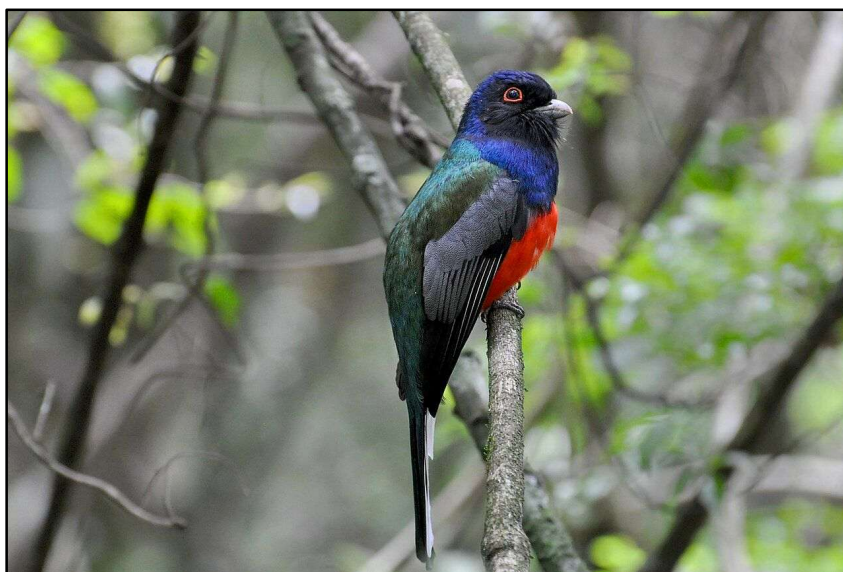
(Imagens e autoria de Fortunato Vicente – Prof. Baniwa)

7.1 O Forno de Surucuã

O Forno de Surucuá é uma pedra localizada na cachoeira de Tunuí – Içana, lugar conhecido pelos Baniwa de Tunuí. Esta pedra é sagrada, está localizada ao lado da comunidade próxima da ponta, na beira do rio.

Seu nome vem do pássaro surucuã⁹, segundo os historiadores, é um grande sucuriçu de encanto das águas, de cores esverdeadas, como as cores do pássaro surucuã azul. E hoje é uma bola de pedra, que o chamam de forno de surucuã. Mãe com crianças recém-nascidas, pessoas com pesadelos, não devem passar nesta pedra. Caso contrário, pode criar enfermidade na criança ou pessoas que vier desrespeitar o forno de surucuã. Hoje estes lugares continuam nestes lugares.

(Fortunato Vicente – Prof. Baniwa)



Surucuá-variado (Trogon surrucura surrucura) Macho (Cláudio Dias Timm, 2010)

⁹ *Trogon surrucura*

7.2 El horno de Surucuá

El horno de Surucuá es una piedra ubicada en la cachoeira de Tunuí, en el río Içana.

Es un lugar sagrado para el pueblo Baniwa.

Su nombre viene del ave surucuá.

Según los relatos, era una gran serpiente encantada de las aguas, de color verde, como el ave.

Hoy es una piedra redonda, conocida como el horno de Surucuá.

Madres con recién nacidos y personas con pesadillas no deben pasar por allí, pues puede causar enfermedades si no se respeta el lugar.

(Fortunato Vicente – Prof. Baniwa)



Escena de video con los diferentes cantos de las especies de pájaros surucuás¹⁰

¹⁰ Se puede acceder al video en: <https://youtu.be/vU5mA5uLFPQ?si=W1KoC9I0VAUqnkqo>

8. Dzawira - yewhemi



Lhiehe dzawira-yewhemi hiipada, pakeetani Ttoonowi poawalhema, ooni pamodzoa. Nha pida nhaaha hipada oomawali yeewhe, yarodattinai.
Oopi piattoo, palhiotsa paitakawa paakakaro nanako.
Nheette pandza kadzokatsani.
Hitaponikaita maatshi, matsiaphaa karoka lia neerhe, wadee kamadekanaaka ni.

(Fortunato Vicente – Prof. Baniwa)

8.1 A Pedra ovo de Acará¹¹

A pedra ovo-de-acará é um grupo de pedras redondas, que ficam acima de Tunuí, no rio Içana. É um lugar sagrado no conhecimento tradicional do povo Baniwa.

Dizem os sábios que, estas pedras são ovos de acará encantados.

Na tradição Baniwa, quando houver pesadelos, a pessoa deve evitar esses lugares.



(Imagens e autoria - Fortunato Vicente – Prof. Baniwa)

¹¹ *Pterophyllum scalare*

8.2 Piedra huevo del pez ángel

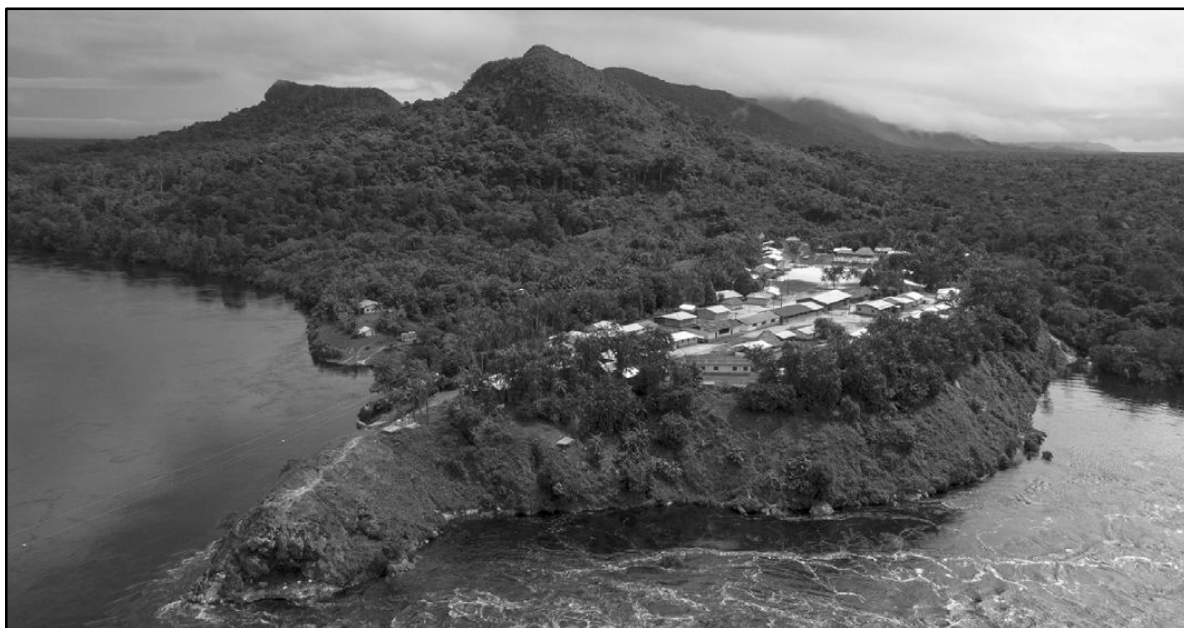
La piedra huevo de pez ángel es un conjunto de piedras redondas en el río Içana, arriba de Tunuí.

Es un lugar sagrado en el conocimiento Baniwa.

Los sabios dicen que estas piedras son huevos encantados de pez ángel.

Según la tradición, quienes tienen pesadillas deben evitar estos lugares.

(Imágenes y autoría de Fortunato Vicente – Maestro Baniwa)



Toma aérea de la comunidad Tunuí Cachoeira, en el Río Isana (Fernanda Ligabue, 2018) como parte de los registros del Plan de Gestión Territorial y Ambiental de la Organización Nadzoeri.

9. Hiipada idana



Passagem de barco em Wapuí, no Rio Ayari.

Nhaaha hiipada idana, ikatsa lidananipe lhieche Ñapirikoli.

Lhia pideeche heekoapi, tsoopiatsa nakapakaaliko nhaaha heekoapinai.

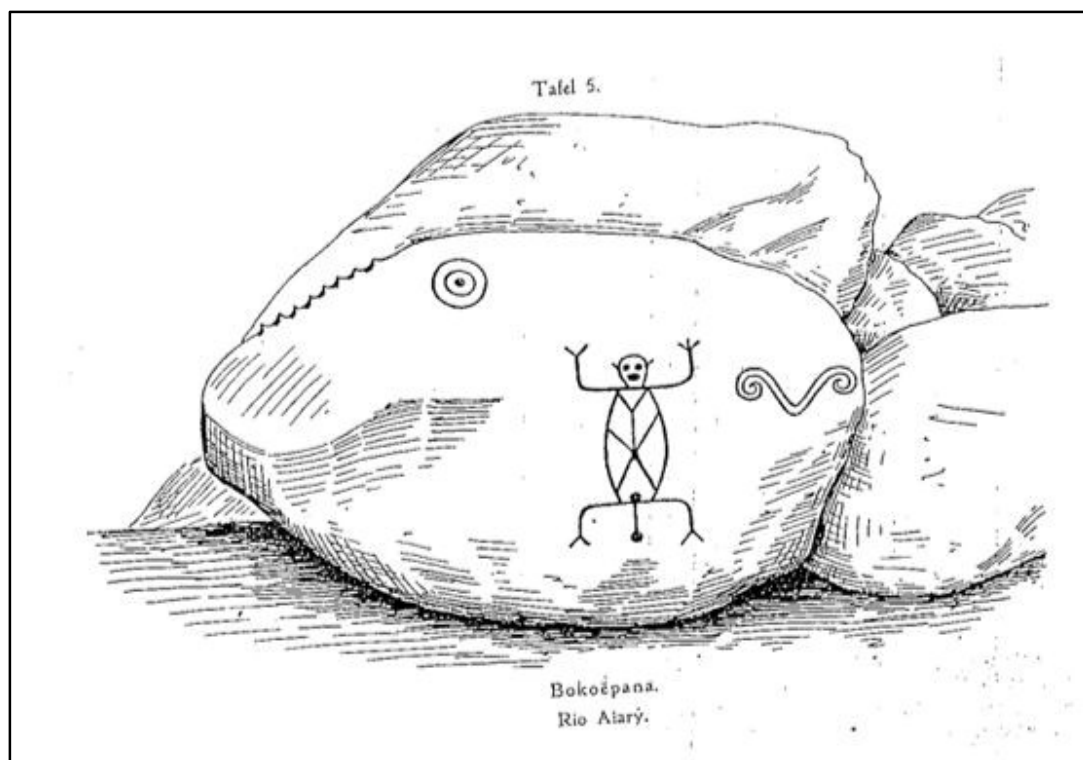
Likeñoetapia pida lidana nhaa nhenaaphiami atsaaha liipanaliko.

Nhaa pida nhaa nhenaaphia iroli hiipanako, ikatsa pida panheexopa koame neemapiaka oopi nhaa wawherinaipe.

Ima lhiawali pia pida, nhaa hiipada patsimeperitto, neeni mherepittinaa katsa lidanaka lhieka Ñapirikoli.

*(Francisco Fontes – Sábio Baniwa – entrevista e Tradução: Gilberto Garcia Filho
– Baniwa)*

9.1 Petróglifo



Petroglifo encontrado na pedra hekoapi, no rio Ayari (Oibi, 1999)

Os petróglifos são desenhos encontrados nas pedras em diferentes regiões. Na mitologia do povo Baniwa os petróglifos foram desenhados pelo Ñapirikoli. No princípio, a terra era bem pequena para o Ñapiriokoli. Segundo os contos, o Ñapirikoli desenhava as figuras em sua casa. E para ele todas as coisas eram moldáveis, mesmo as pedras. Por isso, desenhava nas pedras onde quisesse registrar alguma coisa. Os registros de desenhos representam como eles viviam no passado, para o conhecimento da nova geração.

(Francisco Fontes – Sábio Baniwa – entrevista e Tradução: Gilberto Garcia Filho – Baniwa)¹²

¹² Parte da entrevista em vídeo pode ser vista em: <https://www.facebook.com/share/v/1CCkYzzWSK/>

9.2 Petroglifos



Roca Kuwai, en el caudal del Wapuí, en el río Ayari (Oibi, 1999)

Los petroglifos son dibujos encontrados en piedras en distintas regiones.

En la mitología Baniwa, fueron hechos por Ñapirikoli.

Al principio, la tierra era muy pequeña para él.

Se dice que dibujaba en su casa,
y que todo era moldeable para él, incluso las piedras.

Por eso dejaba registros en ellas.

Estos dibujos muestran cómo vivían en el pasado
y sirven para enseñar a las nuevas generaciones.

*(Francisco Fontes – Sábio Baniwa – entrevista y traducción: Gilberto Garcia
Filho – Baniwa)*

10. Maokolia

Neeni apakha adapi liipitana maokolipi, paketani awakadaliko.

Maokolipi iyo padzeekata maokolia. Wawherinaipe iwinitaxoopa oopi.

Naako liyo phiome nhaa iitsiri nheette kepiranai tsakha.

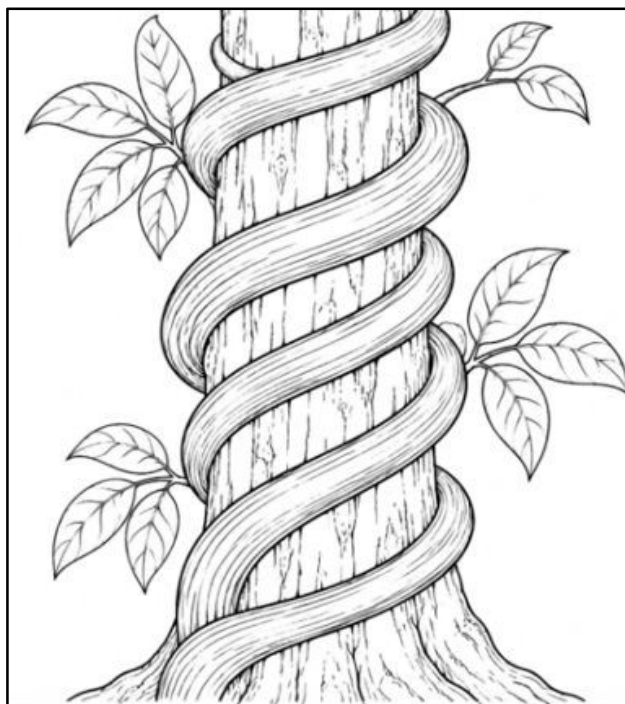
Apadapenaatsa ianhe koameka padzeekataka maokolia.

Padzeekatakaro ni, pheta lhiehe adapi, pheriittani, padzana ni. Pawarakeetani pakeewitani atee lia mottoko ni matsia.

Matsiakeenani, paiñetani kapitsiri imena inako.

Paako: dzatte, itsiiri, mare, maami, attine phiome phaa apdawa.

Iwatsakape tsakha: powe, kaaparo, pittipitti, yalo, nheette apadawa tsakha.



(Orlando Garcia – Prof. Baniwa)

10.1 O cipó Curare¹³

O Cipó Curare é uma planta nativa da Amazônia.

A partir desse cipó, nossos antepassados preparavam o veneno curare.

Com o veneno curare preparavam suas flechas.

Com flechas envenenadas, caçavam as aves como tucano, urumutum¹⁴, jacu, inambu¹⁵ e outros.

Também caçavam macacos e outros animais.

(Orlando Garcia – Prof. Baniwa)



Professor Orlando Garcia em reunião com a equipe do Ceunir na comunidade Tunuí Cachoeira, em 2019.

¹³ *Chondrodendron tomentosum* e família *Menispermaceae*.

¹⁴ *Nothocrax urumutum*

¹⁵ Pássaros da família *Tinamidae*.

10.2 El bejuco curare

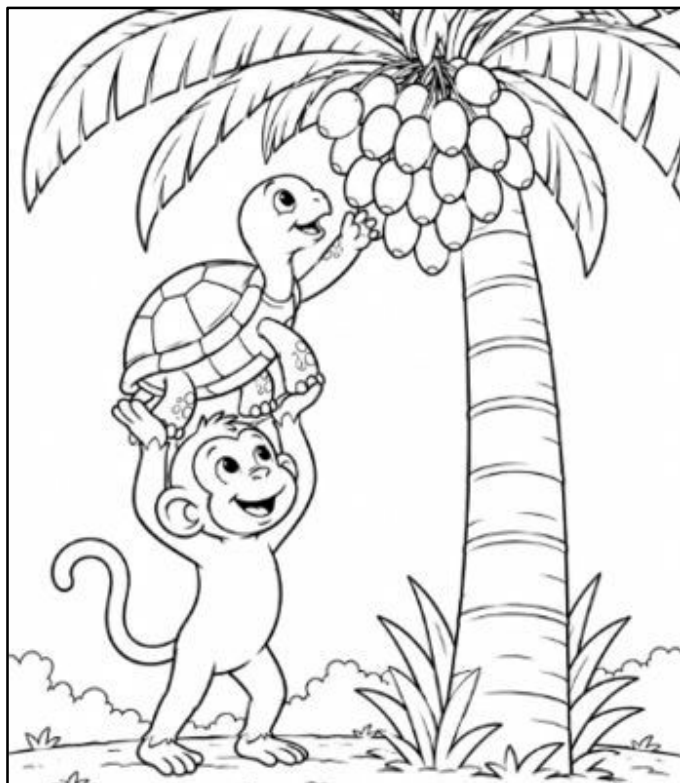
El curare es una planta nativa de la Amazonía.
De este bejuco, nuestros ancestros preparaban veneno.
Con ese veneno impregnaban sus flechas,
y cazaban aves como tucanes, jacús e inambúes,
así como monos y otros animales.

(Orlando Garcia – Prof. Baniwa)



Una de las plantas de donde se extrae el curare, Strychnos toxifera (Koehler, 1887).

11. Powe nheette Itsida



Apawalipia pia pida powe yokeeta itsida awakaliko.
 Lhia pida powe ñhakaita wettiri, awakada liko.
 Nheette pida powe iako: - Kompaa itsida, pino piñha wainai.
 Nheette pida itsida hiepani: hau matsia, ipeeko nolhio!
 Powe ittatha pidani: kapha hoiwi pianhe kompaa?
 Lhiepa pida ni: - ooho kompaa!
 Nheette pida liako powe, whereta phia, pino piiñha wainai.
 Nheette nhereeta pideeka itsida wettiri iwataliko.
 Nheette nhaa powe nhaa liodza.

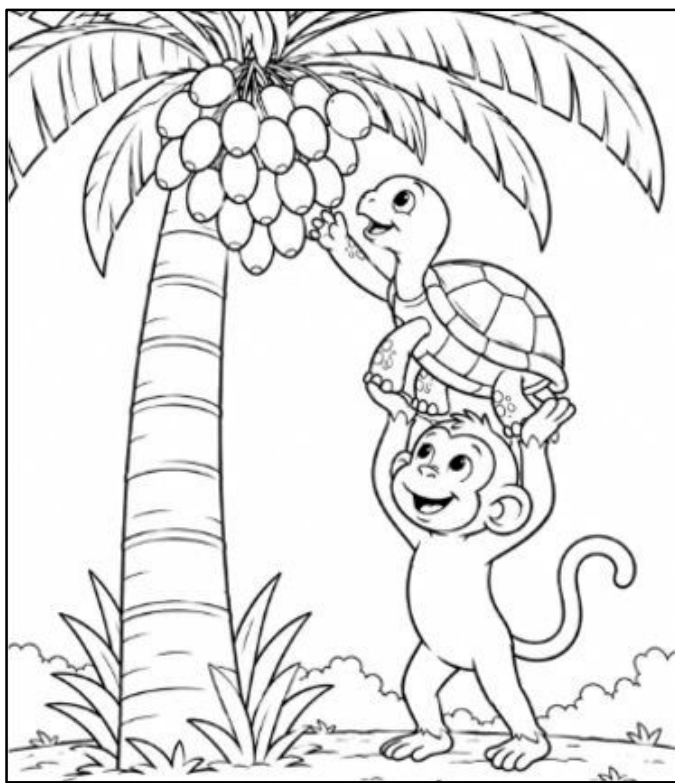
(Orlando Garcia – Prof. Baniwa)

11.1 O Macaco e o Jabuti

Leetra Indígena, São Carlos, vol. 27, n. 01, 2026

Narrativas e Contos Populares Baniwa

www.leetraindigena.ufscar.br



Era uma vez um jabuti caminhando na mata e encontrou o macaco.

O macaco estava comendo fruta de palmeira inajá¹⁶.

Perguntou ao jabuti: Compadre você quer experimentar?

E o jabuti respondeu: - sim, joga para mim uma.

Depois perguntou se estava gostoso.

E o jabuti, respondeu: - sim, muito bom.

E o macaco disse:

- Vem comer conosco, vamos te ajudar a subir até aqui para comer.

E ajudou o jabuti subir até o cacho de inajá.

Depois o macaco foi embora do jabuti.

(Orlando Garcia – Prof. Baniwa)

¹⁶ *Attalea maripa*

11.2 El mono y la tortuga

Había una vez una tortuga caminando en la selva cuando encontró a un mono.

El mono comía frutos de la palma inajá.

Le preguntó:

— Compadre, ¿quieres probar?

La tortuga respondió:

— Sí, lánzame uno.

Después el mono preguntó si le gustaba.

— Sí, muy rico.

Entonces dijo:

— Ven a comer con nosotros, te ayudaremos a subir.

Y ayudó a la tortuga a subir al racimo de palma maripa.

Luego el mono se fue y dejó a la tortuga allí.

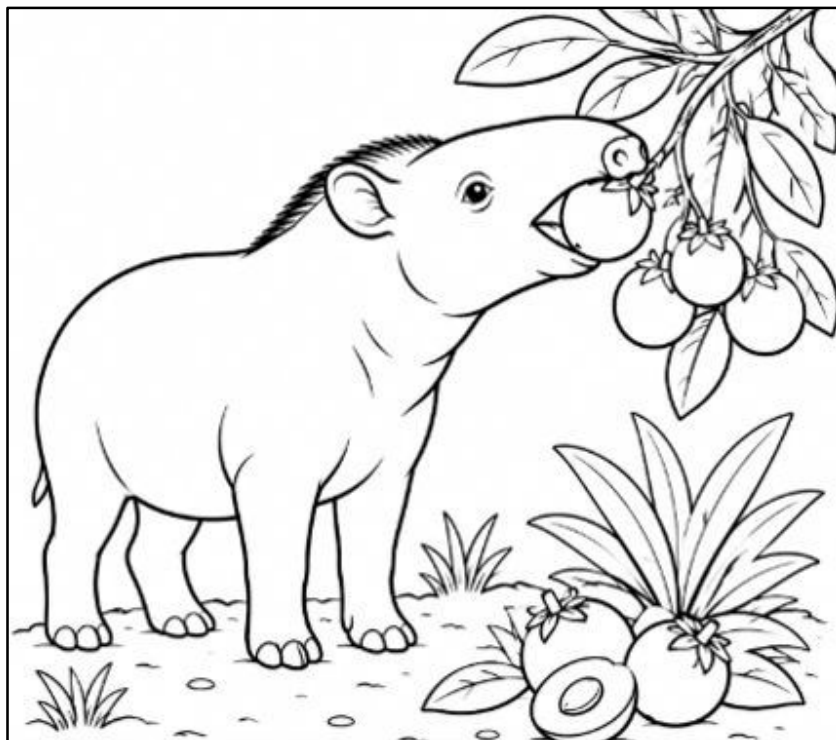
(Orlando Garcia – Prof. Baniwa)



Inajá (Maximiliana regia)

(C. Fr. von Martius. *Historia Naturalis Palmarum*, 1823-1850)

12. Heema nheette Domali



Lhiehe hema lipedzo lianhika lioma liñhawa doomali awakadaliko.
Lioketa aabomi ipania doomali, hipolene, eewane,iittane ayaha kiniki inomapiriko.
Kaattima pida likake lhiehe heema.
Hekoapi ikoami liaka liiñha aabomi ipania.
Nheette keeroa rhoa aabomi, ima karokeetsa likadaa nhaa ropania.

(Orlando Garcia – Prof. Baniwa)

12.1A anta e os pés de umari¹⁷ da Vovó

A anta é o animal mais belo da natureza.

Ele se alimenta de folhas e frutos.

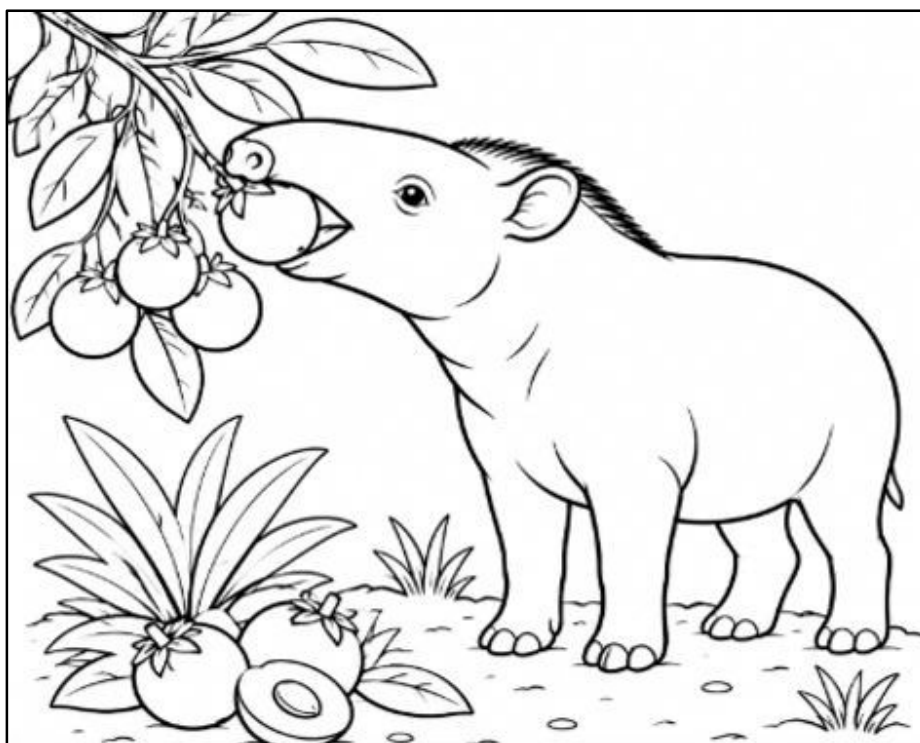
Certo dia ele encontrou os pés de umari da vovó.

Ali perto da roça.

Todo dia comia as frutas e não deixava nenhuma para a dona das plantas.

E deixou brava e furiosa a vovó.

(Orlando Garcia – Prof. Baniwa – 2026)

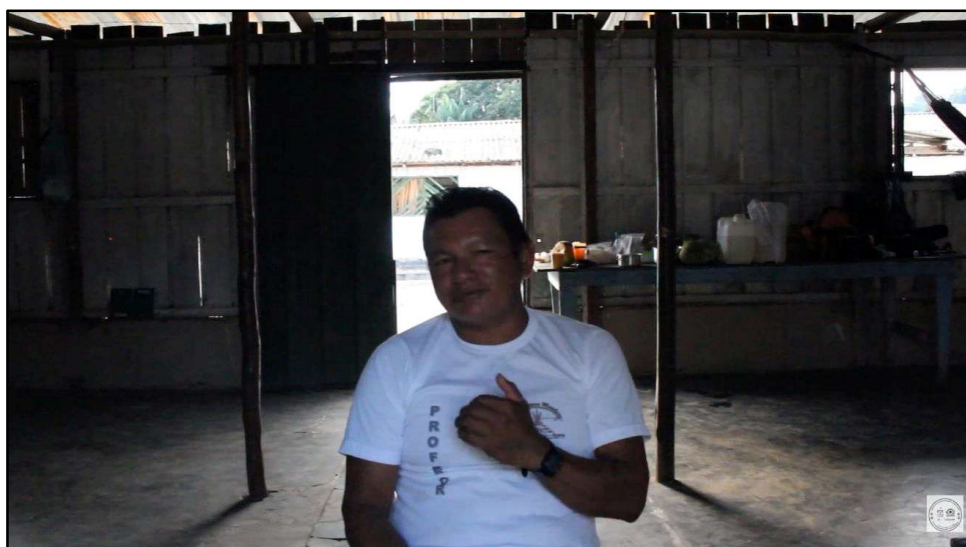


¹⁷ *Poraqueiba sericea*

12.2 La danta y los árboles de umarí de la abuela

La danta es el animal más bello de la naturaleza.
Se alimenta de hojas y frutos.
Un día encontró los árboles de umarí de la abuela,
cerca de la chakra.
Todos los días comía las frutas
y no dejaba ninguna para la dueña de las plantas.
Así, la abuela se puso enojada y furiosa.

(Orlando García – Prof. Baniwa – 2026)



Entrevista del Ceunir al maestro Orlando García en 2019.

13. Irapakhetti Mawaco

Lhiehe irapakhetti mawako, neemakaa nhaaka waherinaipe.

Lhiehe waalo mawaco, nadzeekatanda dookolipada iyo.

Podaali irapaxoona, nawanaakakadanako oopi, neetenakinai iaapidza.

Kadzopia neemaka nhaa wawherinaipe.

Pandza warapakatsa wakoadataxooapa apadawa inokape ikapa whaa wadzakaleperiko.

Warapatsakha wakadzekatakakarodaperiko.



(Orlando Garcia – Prof. Baniwa)

13.1 A dança de Mawaco

Mawaco é um tipo de instrumento e um tipo de dança cultural indígena.

O instrumento mawaco é feito de ambaúba¹⁸.

A dança de mawaco é realizada nas cerimônias de dabucuri.

O dabucuri é uma festa de recepção e de agradecimento aos visitantes.

Esta é uma cultura tradicional dos povos indígenas.

Hoje dançamos estas danças em nossas comunidades e nas escolas.

(Orlando Garcia – Prof. Baniwa)



Abel Fontes e Sr. Jairo se preparando para a apresentação de danças na maloca da comunidade Ucuqui cachoeira, no rio Ayari (Ceunir, 2019)

¹⁸ (*Cecropia* sp.)

13.2 La danza de Mawaco

Mawaco es un tipo de instrumento y un tipo de danza cultural de los Baniwa.

El instrumento mawaco está hecho de embauba.

La danza de mawaco se realiza en las ceremonias de dabucurí.

El dabucurí es una fiesta de recepción y de agradecimiento a los visitantes.

Esta es una cultura tradicional de los pueblos originarios de los ríos Negro, Guainía y Casiquiare.

Hoy bailamos estas danzas en nuestras comunidades y en nuestras escuelas.

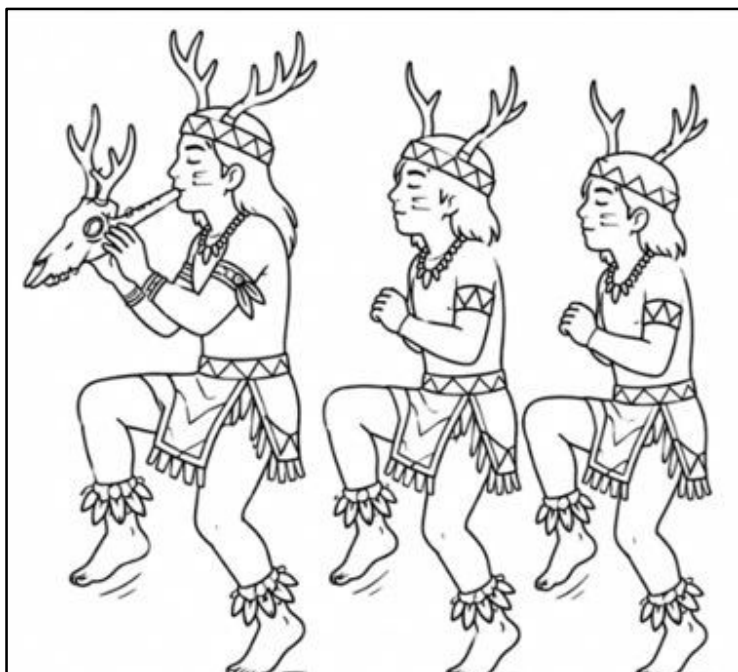
(Orlando Garcia – Prof. Baniwa)



Don Evaristo Dopa, en Puerto Ayacucho, Venezuela, enseña instrumentos musicales tradicionales de los Baniwa de Maroa, con Omar González Nãñez¹⁹.

¹⁹ Entrevista disponible en: https://youtu.be/0LbopsBEoKI?si=G-93KCERMQ_HJGB_

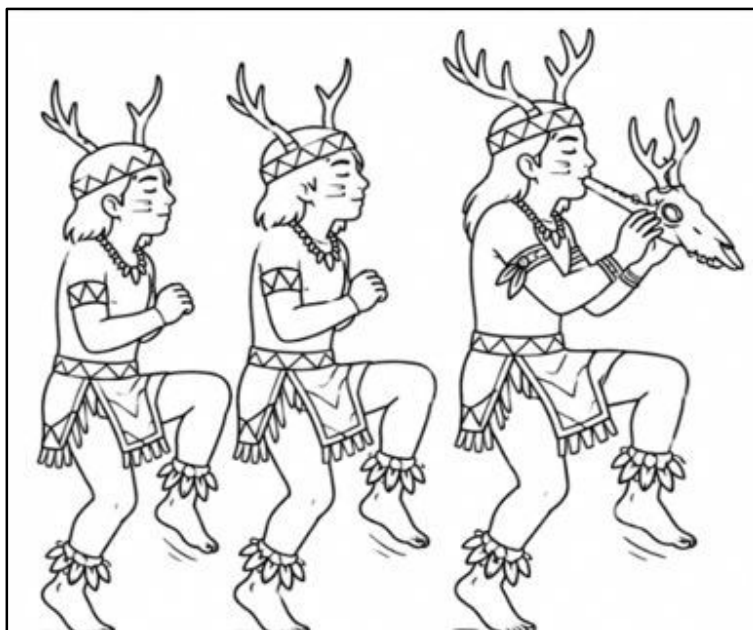
14 Parapaka Neeri



Neeri hiwida, apada parapaxoopa yenipettipe iapidza pakadzekatakaroperiko.
Peema madalida oo manopephaa.
Phepa pattedanako, paphonttedawaka, ikamena liphikani paapidzawali.
Pheereta pakawa nheette paphoa pakoaka.
Padeenhi koameka lidenhika lhiehe maadzero paapidzawali.
Lipamodzoaka padia pawatshaa papomirewa, padeenhi liweenawa,
kattimanaakaroni.
Matsiadali patopitaka pedaliape nheette yenipettipe iapidza tsakha.

(Orlando Garcia – Prof. Baniwa)

14.1A dança de veado



A dança de veado é um tipo de danças culturais indígenas do alto rio negro.
Usa – se crânio de cabeça de veado para fazer o instrumento.
Mas podem ser adaptados outros materiais para o instrumento.
Tem apenas um ritmo e uma música.
Para dançar se forma uma fila de três ou mais pessoas.
O maestro é o primeiro da frente.
O movimento que ele faz, todos devem fazer junto.
No som, segue os passos, abre as pernas e depois de alguns passos pula para trás.
Precisa de criatividade do grupo para ficar animado.
É uma dança muito engraçada para animar eventos com adultos e crianças.

(Orlando Garcia – Prof. Baniwa)

14.2 La danza del venado

La danza del venado es un tipo de danza cultural indígena del Alto Río Negro.

Se utiliza el cráneo de la cabeza de venado para hacer el instrumento.

Pero puede adaptarse con otros materiales para el instrumento.

Tiene un solo ritmo y una sola música.

Para bailar, se forma una fila de tres o más personas.

El guía es el primero al frente.

El movimiento que él hace, todos deben hacerlo juntos.

Al sonido, se siguen los pasos: se abren las piernas y, después de algunos pasos, se salta hacia atrás.

Se necesita creatividad del grupo para que sea animada.

Es una danza muy divertida para animar eventos con adultos y niños.

(Orlando Garcia – Prof. Baniwa)



Maloca de la comunidad Ucuqui-cachoeira, en el río Ayarí, ubicada en una de las fronteras de Brasil con Colombia.

15. Ñapirikoli Hiinirinale

Leetra Indígena, São Carlos, vol. 27, n. 01, 2026

Narrativas e Contos Populares Baniwa

www.leetraindigena.ufscar.br



Apawali pia pida heekoapi, neeni pida liapowaliko lhinirinale lhiehe Ñapirikoli.
 Nheette pida lioketa likapa neenika noada iñhakape nhaa lhiinirite.
 Me pida liako ikadaa nowapakaro nokapa koaka ni.
 Neeni pida deepiattoa lhita pida limaawipi dheette liweponere, liakaro liwapa likapa.
 Yakeette toa pida, likapa apama iinaro.
 Lidawaka khaapani pida liwatshaa lipatoita rhoa.
 Pida liako: ohh!!! Phia nhoada iñhali nhaa nohiinirite.
 Nheete pida roako: Nodakee, karotsa nhoaka iñhali nhaa, metsa nhani nhaa
 Omaiweri iitonaípe.
 Liyamitsa nhaa noperoli, pida roako. Rhoa peda rhoana dzamiwikaro.
 Piomakadaa pikapaka nhaa deepia toa watsa pino pikapakaro, pida roako lirhio.

(Silvia Garcia da Silva – prof^a. Baniwa)

15.1 O pé de ucuqui²⁰ do Ñapirikoli

²⁰ *Pouteria ucuqui*



No sítio do Ñapirikoli havia um pé de ucuqui. Certo dia, percebeu que alguém coletava os frutos. E não gostou, pois ele considerava o pé de ucuqui somente dele. E disse: vou descobrir quem está fazendo isso. Numa manhã, pegou a sua zarabatana e o estojo de flechas e foi, e de longe avistou uma moça, e armou para pegar ela. E prensou ela no chão e disse: – Olha só, quem que come os meus ucuquis? E ela respondeu: – Não, meu neto, não sou eu que colhe e não comi os seu ucuquis, e sim as filhas do poderoso Piranha (Omaiwheri iitonaípe). E ela disse: Por favor me deixe ir embora. Teve pena e deixou ela ir embora. E ela disse, elas chegam bem cedo aqui.

(Silvia Garcia da Silva – prof^a. Baniwa)

15.2 El árbol de ucuqui de Ñapirikoli

En el sitio de Ñapirikoli había un árbol de ucuqui.

Un día, él se dio cuenta de que alguien recogía los frutos. Y no le gustó, pues consideraba que el árbol de ucuqui era solamente suyo. Entonces dijo: “Voy a descubrir quién está haciendo eso”.

Una mañana, tomó su cerbatana y su estuche de flechas y fue. Desde lejos vio a una joven y se preparó para atraparla.

La sujetó contra el suelo y le dijo:

—Mira nada más, ¿quién está comiendo mis ucuquis?

Y ella respondió:

—No, nieto mío, no soy yo quien recoge ni come tus ucuquis, sino las hijas del poderoso Piraña (*Omaiwheri iitonaípe*).

Y ella dijo:

—Por favor, déjame ir.

Él tuvo compasión y la dejó ir. Y ella le dijo: ellas llegan muy temprano aquí.

(Silvia Garcia da Silva – prof^a. Baniwa)



Silvia García siendo entrevistada en 2014²¹ para hablar sobre las chakras de aji en la comunidad Tunuí Cachoeira.

²¹ La entrevista, concedida a la TV Globo, está disponible en: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2013/10/indios-sao-mestres-no-cultivo-de-dezenas-de-variedades-de-pimenta.html>

16. Omawheri itonaípe



Nheette Dzawikaro ikaitedzami pida Ñapirikoli irhio, Omaiwheri itonaípe inako.
Pandza nhóa nhóapa nha pida liako.

Liroita pida lhipaxóopa piiña, né pida koaka.

Namatha pida noada, phatti phattime lipaxóopa tha.

Lipieta pida liroita pitti-ikamawale, kadzo tseenakha pida nadeenhika ni.

Liroita khapani pida kamawa.

Nheette lhipaka dzamama: Anedoa dheette pida Keradoa, iweedoatti.

Pida liako: - Pandza nodee phia noinowa pida liako rolío rhoa iwedoatti.

Lídee pida rhoa liipanalíkolhe.

Metsa karoka pida koaka ittaitali iroka ronako, ima rolhioka pida lhíehe rodáana
(romhoaka).

Metsa pida roako, piomakadaa, ikametsa pima pitakaro lhíehe nodáana.

Nheette Ñapirikoli ideeni kadzo rokaitekapidzo.

Ikameena pideeka ropadamaka nawiki matsiadaró, kattimadaro.

Kadzo pia pida, dheette neema nainaiwaaka matsia kattima.

(Sílvia Garcia da Silva – Profª. Baniwa)

16.1 As filhas de Omaiwheri

O Ñapirikoli após descobrir que as filhas do seu vizinho Omaiwheri é quem roubava seus ucuquis. Então decidiu preparar armadilhas para pegar as ladras.

Primeiro, usou a tiririka²², e a armadilha foi recortada com facilidade. Na segunda vez armou com a palmeira jacitara-de-morcego²³. Mais uma vez sem sucesso.

Então Ñapirikoli, armou a jacitara verdadeira e capturou a moça Keradoa e a Anedoa. Eram filhas do seu vizinho, o poderoso Omaiwheri (Piranha).

Ñapirikoli escolheu a mais nova e disse:

— Peguei você! Agora vou levá-la para ser minha esposa.

Ele levou a jovem para sua casa. Ñapirikoli sabia que possuía uma defesa própria, pois tocasse, mordida e cortava rapidamente.

E ela disse a ele que, caso desejasse, precisava ritual para tirar a defesa do corpo e transformá-la em humana.

E orientou que, para retirar a defesa, seria somente com timbó²⁴, tinguijando-a.

Ñapirikoli seguiu a orientação e fez o ritual. Depois a moça transformou-se em uma pessoa tranquila, amorosa e preparada para viver junto dele, e passaram a viver felizes.

(Silvia Garcia da Silva – prof^a. Baniwa)

²² (*Cyperaceae sp.*)

²³ (*Desmoncus sp.*)

²⁴ Se refere às plantas dos gêneros *Lonchocarpus spp.*, *Derris spp.* e *Deguelia spp.*

16.2 Las hijas de Omaiwheri



Ñapirikoli, después de descubrir que las hijas de su vecino Omaiwheri eran quienes robaban sus ucuquis, decidió preparar trampas para atrapar a las ladronas.

Primero, usó la tiririka, pero la trampa fue cortada con facilidad. En la segunda vez, la armó con jacitara de murciélago. Una vez más, sin éxito.

Entonces Ñapirikoli armó la jacitara verdadera y capturó a las jóvenes Keradoa y Anedoa. Eran hijas de su vecino, el poderoso Omaiwheri (Piraña).

Ñapirikoli eligió a la más joven y dijo:

—¡Te atrapé! Ahora te llevaré para que seas mi esposa.

Llevó a la joven a su casa. Ñapirikoli sabía que ella poseía una defensa propia: si alguien la tocaba, mordía y cortaba rápidamente.

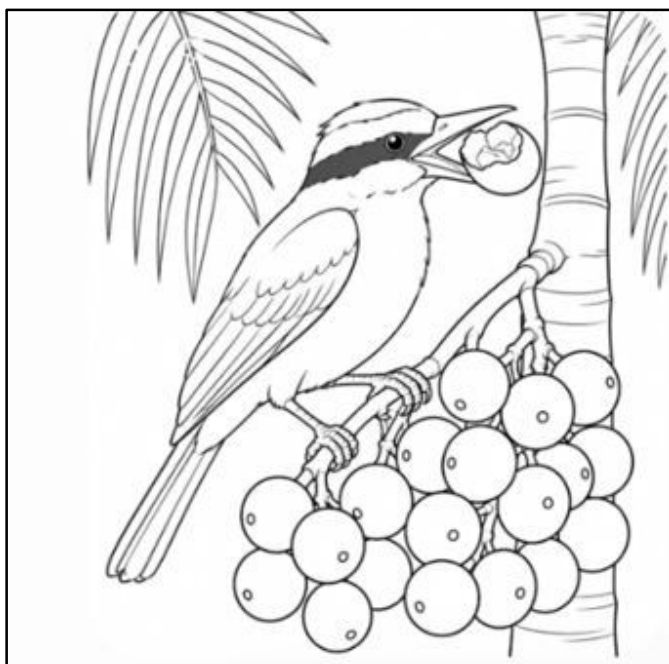
Y ella le dijo que, si la deseaba, era necesario realizar un ritual para quitar la defensa de su cuerpo y transformarla en humana.

Le explicó que, para retirar la defensa, sólo sería posible con timbó, envenenándola con este.

Ñapirikoli siguió la orientación y realizó el ritual. Después, la joven se transformó en una persona tranquila, amorosa y preparada para vivir junto a él, y así pasaron a vivir felices.

(Silvia Garcia da Silva – prof^a. Baniwa)

17. Koame Piipiri ikeñoetawa



Oopiattoa karopia pakapa lhieche walhioli piipirika pandza, metso dorome hekoapi iphomitte Ñapirikoli ideepiani, nainai nhaaha lirimattananai kophenai. Neeni nakadzeekatani yakalhetsa. Kadzokaro pida lhieche waiñhaaphi whaa naikinai theewakakhaakani, pipiripi idzeenakaromi pida.

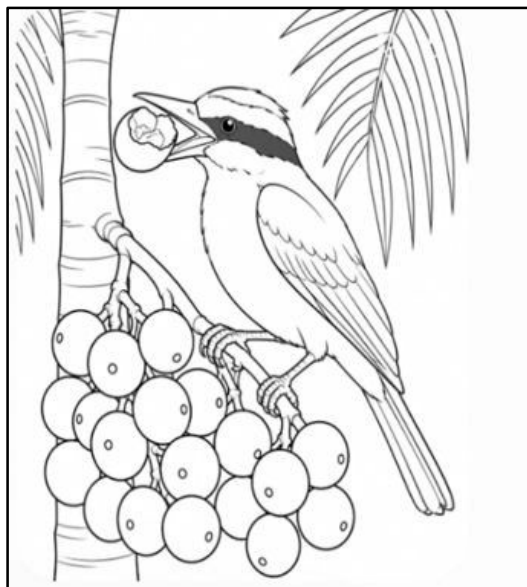
Nheette lhiawalhi karopia Ñapirikoli yaanhee koaka liipitana. Neeni pida kawhika deepiattoa ni, lhima kepireeni wiipidi yaapoaka:

- Pii -pi-ri, pii-pi-ri.

Ah piipiri noada watsa nokadaa lipitanawa. (wawherinaipe kaitepekaa yanheekhetti wadzaaroape)

(José Apolinário Venceslau – Prof. Baniwa)

17.1 Pupunha²⁵ e bem-te-vi



Antigamente não tinha pupunha no mundo, mas o Ñapirikoli a conseguia trazer de outro mundo, dos seus cunhados para a nova geração. Os seus cunhados do outro mundo eram os peixes. Eles deram para ele, com intenção de matá-lo, e ainda ensinaram ele plantar errado, que seria embaixo da bunda, era para espetar e matar o Ñapirikoli. Dizem que foi por isso que o humano tem o canal da coluna nas costas. Onde o pé de pupunha passava raspando na costa do Ñapirikoli. Nesse tempo, não tinha nome dessa planta, mas ela foi nomeada pelo canto de bem-te-vi que cantava numa manhã:

- “Pi-pi-ri! Pi-pi-ri”.

E “pipiri” em baniwa significa a planta ou fruta pupunha. Esta seria a origem do nome da pupunha em baniwa.

(José Apolinário Venceslau – Prof. Baniwa)

²⁵ *Bactris gasipaes*

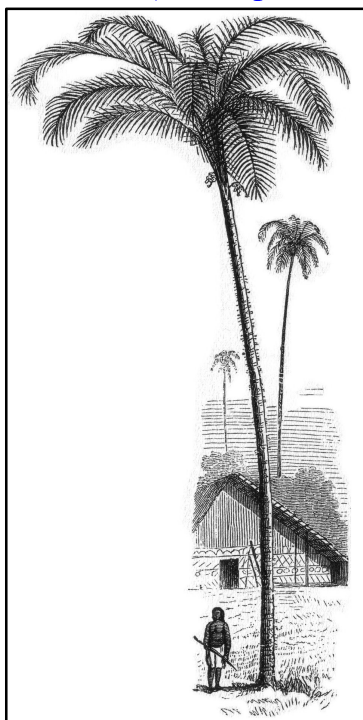
17.2 Chonta y el bienteveo

Antiguamente no había chonta en el mundo, pero Ñapirikoli logró traerla de otro mundo, el de sus cuñados, para la nueva generación. Sus cuñados de ese mundo eran los peces. Ellos se la dieron con la intención de matarlo, y además le enseñaron a plantarla de manera incorrecta: debía sembrarla debajo de las nalgas, para que lo atravesara y matara a Ñapirikoli. Dicen que por eso el ser humano tiene el canal de la columna en la espalda, por donde el tronco de la chonta pasaba rozando la espalda de Ñapirikoli. En ese tiempo, esta planta no tenía nombre, pero fue nombrada a partir del canto del bien-te-veo, que cantaba en una mañana:

—“¡pi-pi-ri! ¡pi-pi-ri!”

Y “pipiri”, en baniwa, significa la planta o fruto de la chonta. Este sería el origen del nombre de la chonta en baniwa.

(Jose Apolinário Venceslau – Prof. Baniwa)



Palma de chonta (Henry Walter Bates, 1863)

18. Kepireni kamawaapa

Lhiehe kamawaapa apaapa keepireeni tsoapalitsa, keettoliapali ittama, haale likodaliko, iitta lhitako, yaapi liithipe dzamakhaa. Lhiehe kepireeni kamawaapa, kameetsa pakapakani oniya hikeeñoakawa, liphomitte hanipakadzaami ooni, kametsa lipañakawa. Apawaliiniri pakapani apawalhia likolhe. Neeni, pakapakadaa kamawaapa, panheetsa kamekeena oniyaa kani.

(José Apolinário Venceslau – Prof. Baniwa)

18.1 O pássaro tesourinha²⁶

O pássaro tesourinha é um pássaro pequeno, de cores cinzas nas costas e no peito branca, de bico preto. Apresenta cauda longa tipo tesoura. Geralmente aparece antes da enchente, logo no mês de março e abril. Depois que este pássaro some, só aparece no outro ano, no início da enchente, ou seja, na época de início de chuva na região. Este pássaro é indicador de tempo, para nossos ancestrais e continua nos dias de hoje.

(José Apolinário Venceslau – Prof. Baniwa)

²⁶ *Tyrannus savana*

18.2 La tijereta sabarena

El pájaro tijereta es un ave pequeña, de color gris en la espalda y blanca en el pecho, con pico negro. Presenta una cola larga en forma de tijera.

Generalmente aparece antes de las crecidas, entre los meses de marzo y abril.

Después, este pájaro desaparece y solo vuelve a aparecer al año siguiente, al inicio de las crecidas, es decir, en la época de inicio de las lluvias en la región.

La tijereta sabarena es un indicador del tiempo para nuestros ancestros y continúa siéndolo en la actualidad.

(José Apolinário Venceslau – Prof. Baniwa)



Entrevista del Ceunir al maestro José Venceslau en la comunidad Tucumã Rupitá en 2019.²⁷

²⁷ El conjunto de entrevistas está disponible en:
https://www.youtube.com/playlist?list=PLONugAQoA_59iBeNbvt2_CIVDUhyzoWov

19. Hiwirhinai liñakhe idzaarope

Nhaa hiwirhinai: dzaaka tsoapali, dzaaka makaapali, ikatsa nhaa horekawa iidzakani, oniyaa ikeñoakawa weemakawaliko.

Neeni naakakadanako kamoi hiewali neerhe, hore iidzakani, ooni imottakawa, nheette koophe iñakawa, ayaanãha neeñakawaperiko.

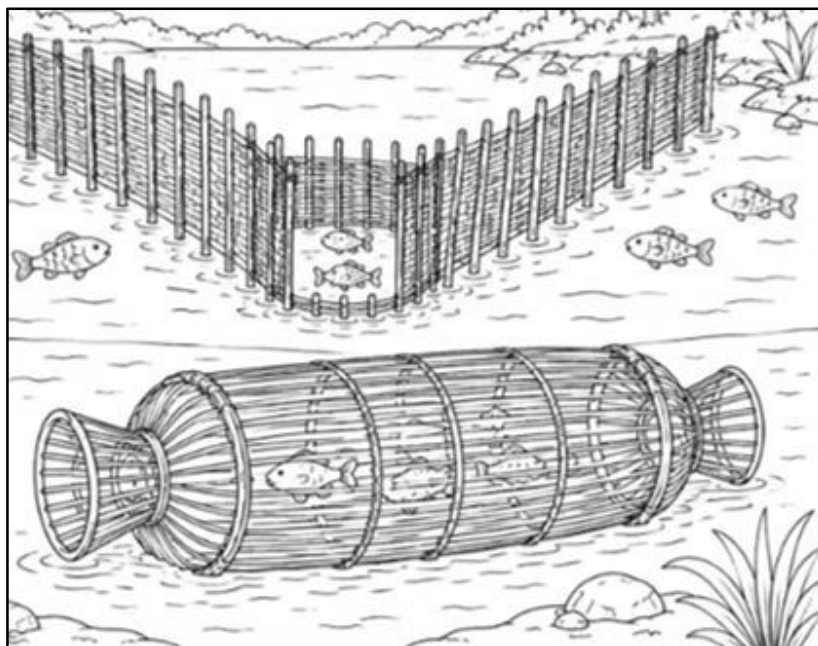
Lhiawali painoa nhaaha iñakape. kamitepe neemaka nhaa nawiki. Namiteka liñake.

Neeñakawa nhaha: doome, taali, weemai, dopali, kaarotsi, apadawanai tsakha.

Nhaaha baniwanai aatsianai, naitsaleta, naita, nakakoleta nhaaha liiñakhe.

Liawalitsa nhaaha iinapeda, nheepa koowhe.

Nhette khowhe iyo nakoeta: kerapokoli, adapenaite nheette apadawa kophe.



(José Apolinário Venceslau – Prof. Baniwa)

19.1 O calendário ecológico e referência das piracemas

Na região do alto rio negro, o mês de março e abril, são mês de chuva e início de enchente.

Nesta época chegam no horizonte as constelações de referência das chuvas: camarão pequeno, camarão grande. Chove muito e os rios iniciam a enchente. Neste período ocorre as piracemas de: aracu de três pintas²⁸, aracu de duas pintas²⁹, pirandira³⁰, araripirá³¹, aracu flamengo³² e outros.

Nesse período os Baniwa pescam, armam armadilha nos pontos de piracemas.

Quando pescam as piracemas pegam bastante, moqueiam e a comida é farta.

As mulheres Baniwa, caçam as revoadas de saúvas³³.

Com a saúva os homens pescam pacu³⁴ e matrinhã³⁵ e outros tipos de peixe.

(José Apolinário Venceslau – Prof. Baniwa)

²⁸ *Leporinus friderici*

²⁹ *Leporinus desmotes*

³⁰ *Brycon amazonicus*

³¹ *Leporinus agassizii*

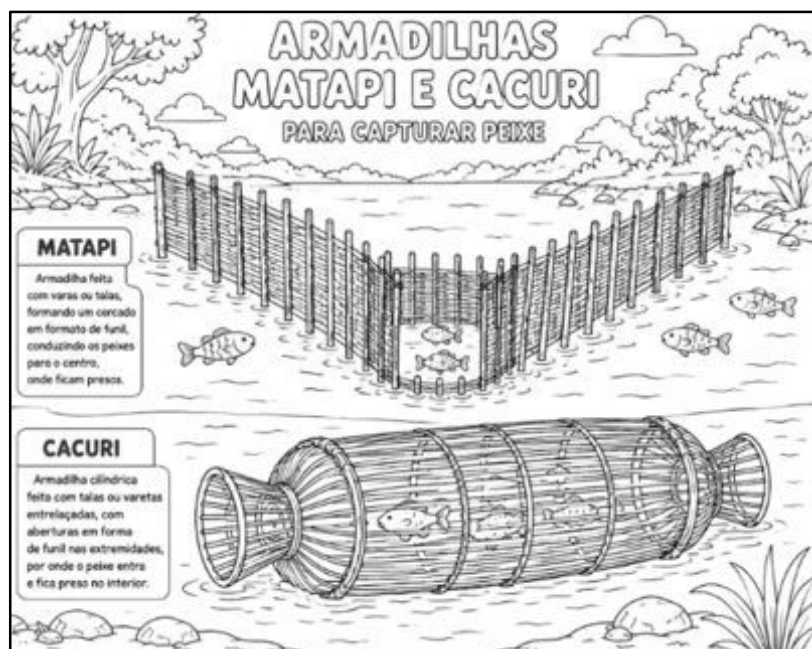
³² *Leporinus fasciatus*

³³ *Atta sexdens*

³⁴ (Serrasalminidae spp.)

³⁵ (*Brycon* sp.)

19.2 El calendario ecológico y las referencias de los desoves



En la región del Alto Río Negro, los meses de marzo y abril son meses de lluvia y del inicio de la creciente del río.

En esta época aparecen en el horizonte las constelaciones que sirven de referencia para las lluvias: camarón pequeño y camarón grande. Llueve mucho y los ríos comienzan a crecer. Durante este período ocurren los desoves de aracú de tres pintas, aracú de dos pintas, pirandira, araripirá, aracú flamengo y otros.

Durante este período, los Baniwa pescan y colocan trampas en los lugares donde ocurren los desoves.

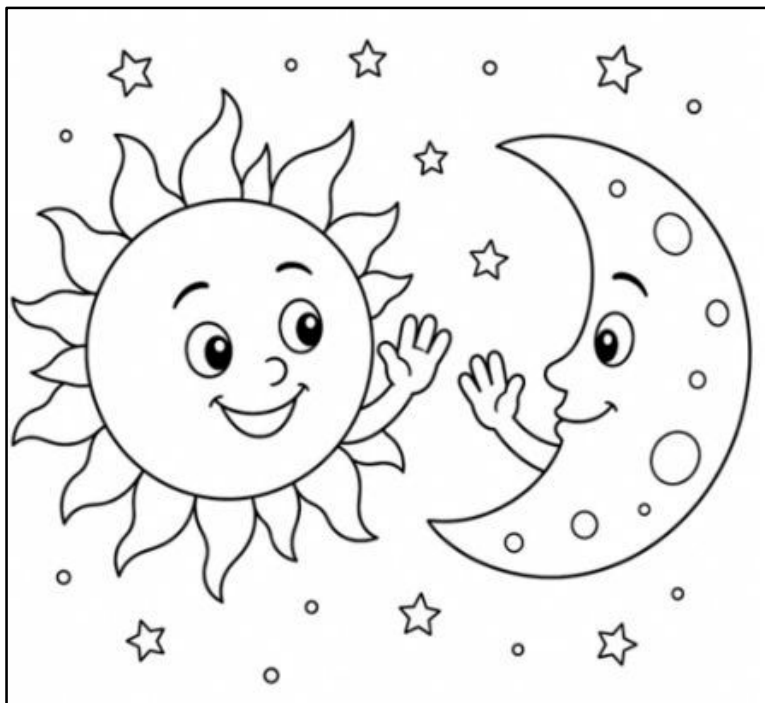
Cuando pescan durante los desoves, capturan bastante pescado, lo ahúman y la comida es abundante.

Las mujeres Baniwa cazan los vuelos de las hormigas saúva.

Con las saúvas, los hombres pescan pacú, matrinchã y otros tipos de peces.

(José Apolinário Venceslau – profesor Baniwa)

20. Kamoi nheette Keeri



Apawali heekoapi kamoi ipedzo pia pida rhoaha keeri, nheette keeri ipedzo tsakha kamoi.

Nheette napedzoakakawa dorome heekoapi.

Metsa apawali heekoapi namakaakakawa. Ima karoka kamoi hadoa yooma rhoaha keeri, roenipe iinowa.

Keeroa kamoi, limaka liawa keeri yoodza deepi, romaa kadanettoa. Lia pidawa poawalhe.

Nheette kawhika rhoaha keeri, nheette roaka liphomitte, ropineetakathani. Metsa karoka rokeetani. Ima hoiwika deepika roodza kamoi, kameena karoka rookeetani. Kadzokaro pida pakapaka, deepini keeri imottowa, nheette hekoapini kamoi imottowa.

Kadzotsa neemaka atee pandza heekoapi.

Liphomitte, karoitsa pida nakeetaakakawa.

(Jose Apolinário Venceslau – Prof. Baniwa)

20.1. Sol e a lua

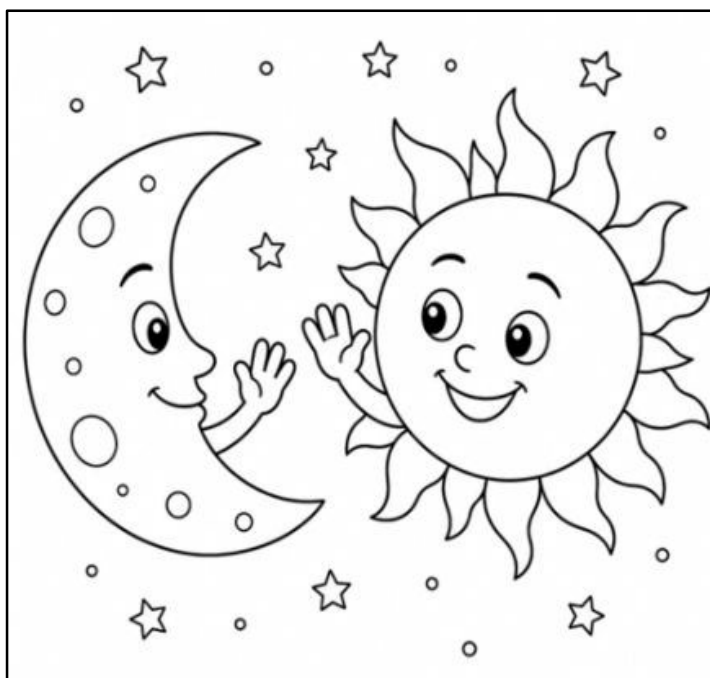
Certo dia sol e lua se apaixonaram. Depois casaram-se. Porém a mãe do sol não aceitou que a lua se casasse com o filho.

E o sol ficou triste e com raiva, decidiu sair de casa, partiu ao norte enquanto linda lua dormia.

A lua acordou e o sol já não estava mais. A lua apaixonada decidiu sair à procura do sol, mas nunca mais o encontrou.

Por isso diz a lenda que, ao anoitecer aparece a lua, e ao amanhecer aparece o sol.

A lua seguindo e tentando localizar seu grande amor o Sol.



(José Apolinário Venceslau – Prof. Baniwa)

20.2 El Sol y la Luna

Cierto día, el Sol y la Luna se enamoraron. Después se casaron. Sin embargo, la madre del Sol no aceptó que la Luna se casara con su hijo.

Entonces el Sol se puso triste y enojado, decidió salir de casa y partió hacia el norte mientras la hermosa Luna dormía.

La Luna despertó y el Sol ya no estaba. La Luna, enamorada, decidió salir en busca del Sol, pero nunca más lo encontró.

Por eso dice la leyenda que, al anochecer, aparece la Luna, y al amanecer aparece el Sol.

La Luna sigue su camino, intentando encontrar a su gran amor, el Sol.

(José Apolinário Venceslau – profesor Baniwa)

21. Aatti nheette waadzolittadoa

Neeni pia pida apaita tsianli meenadalitsa.

Metsa apawali kainokani waadzolittadoa.

Lhipanida pida lhadoa yaattite iikheette.

Apawali hekoapi, lhadoa ipiri lia likapa koaka iinñhakaneri nhaa aatti.

Lia pida likapa nhaa iinapeda naniwaka aatti, mesta kheedza pida nheeta natshayani naara liodza.

Nheette lhipa pida rhoaha naweedoadami, lidee rhoa liinowa.

Nheette dorome iphomite, keenipe rhoa lírhio apada.

Nheette rodeeka lhiehe aatsia rhoniri idzakalerhe, wadzolikoalhe.

(wawherinaipe ikaitepekaa)



(José Apolinário Venceslau – Prof. Baniwa)

21.1 A pimenteira e as moças urubu³⁶

Era uma vez havia um homem que vivia com a sua mãe.

Queria se casar, porém ninguém o gostava, as mulheres sempre o ignoravam.

Um dia, a mãe descobriu que alguém estava colhendo as pimentas na roça.

Pediu ao seu filho investigar para ver quem era.

Certo dia, foi e encontrou um grupo de mulheres, colhendo as pimentas, que rapidamente colocaram suas saias e saíram voando. Eram moças urubus.

Mas conseguiu pegar a saia de uma, a mais nova. Ele a levou para a casa e pediu para se casar com ela.

E depois de muito tempo gerou um filho.

E depois convidou seu marido a visitar o seu pai.

E levou seu marido para o mundo dos urubus.

(Jose Apolinário Venceslau – Prof. Baniwa)

³⁶ *Coragyps atratus*

22.2 La planta de ají y los jóvenes gallinazos

Érase una vez un hombre que vivía con su madre.

Quería casarse, pero a nadie le gustaba; las mujeres siempre lo ignoraban.

Un día, la madre descubrió que alguien estaba recogiendo los ajíes de la chacra. Le pidió a su hijo que investigara para saber quién era.

Cierto día, fue hasta allí y encontró a un grupo de mujeres recogiendo los ajíes.

Rápidamente se pusieron sus faldas y salieron volando: eran jóvenes gallinazos.

Pero logró agarrar la falda de una de ellas, la más joven. La llevó a su casa y le pidió que se casara con él.

Después de mucho tiempo, tuvieron un hijo.

Más tarde, ella invitó a su marido a visitar a su padre y lo llevó al mundo de los gallinazos.

(José Apolinário Venceslau – profesor Baniwa)



Ají cultivado pelos Baniwa³⁷

³⁷ Más información disponible en: <https://www.artebaniwa.org.br/>

PARTE II - ALGUNS LUGARES SAGRADOS DO POVO BANIWA NO IÇANA

23. Hiiparonai

Lhieehe hiiparonai, iemakada Wanaliana poawalheema Inialiriko.

Lhia hiipada kaakonadali nalhio nhaaka pedaliape. Ikatsa liipitana kheehe hiiparomi.

Lhieehe hiipada, nhaaha iinanai karotsa nattaita nathiwatakani, karo tsakha phaa aatsianai, ima lirhioka linakoapaninaa.

Likadaa tsakhaa ieenipettipe iidza karokadaa natañetani. Kadzoxoopa palhiotsa patañetakani.



(Hermes Plácido – Sábio Baniwa – entrevista e imagens: Gilberto Garcia Filho – Baniwa)

23.1 A pedra de Cururú

A pedra de cururu está localizada acima da comunidade Assunção do Içana.

Esta pedra é um lugar sagrado para os Baniwa.

O nome dele é Cururu. Esta pedra recebeu o nome por ter aparência de um sapo.

As mulheres em fase de menstruação não podem tocar esta pedra e os homens também, se tiverem algum pesadelo é melhor ter cuidado.

Se desrespeitar, pode causar alguma enfermidade.

Para as crianças, faz elas chorarem bastante. Por isso, deve ser respeitada.



(Hermes Plácido – Sábio Baniwa – entrevista e imagem: Gilberto Garcia Filho – Baniwa)

23.2 La piedra de Cururú

La piedra de Cururú está ubicada río arriba de Asunción, en el río Içana.

Esta piedra es un lugar sagrado para los Baniwa.

Su nombre es Cururú. Esta piedra recibió este nombre porque tiene la apariencia de un sapo.

Las mujeres durante el período de menstruación no pueden tocar esta piedra, y los hombres tampoco deben hacerlo si han tenido alguna pesadilla; es mejor tener cuidado.

Si se le falta al respeto nos puede causar alguna enfermedad.

A los niños les hace llorar mucho. Por eso, debe ser respetada.

(Hermes Plácido – sábio Baniwa – entrevista de Gilberto Garcia Filho – Baniwa)



Sapo visto en la comunidad Tucumã Rupitá, en investigación de campo del Ceunir en 2019.

24. Maaderimi

Neeni apada hiipda lipitana maderimi, pakeetani Toonowi iniphiwida, poawheette nheette, taapedapana iaphiwida idalipa. Nalhio naa wawherinaipe yoopinaida, karo pattaita pathiwatakani, ima kawhainalika ni.

Pathiwatakadani kameena liipetaka phaa. Nhaa yenipettipe katopa nhaa, kamena hamoka nhaa pawalipe.

Apawalipe kapikanikani eeno iñaka khedzako nheette iidzani.

Oopipia ttoa pida pakapade apama iinaro yaledaro yowhaka linako. Rhoa pida liminaro yopinaittadoa nakaite. Kadzoxopa mhepanhikanadalikatsani.



(Imagens e autoria - Fortunato Vicente – Prof. Baniwa)

24.1 A Pedra Esquilo

A pedra de esquilo é um lugar sagrado e respeitado pelos antepassados.

Esta pedra está localizada no porto de Tunuí, hoje próximo ao polo Base do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI).

Sempre é orientado para não tocar a pedra, pois se fizer isso, sempre há uma reação da natureza, como uma forte chuva com trovão, às vezes gera uma doença na pessoa. Por isso, as famílias sempre mantêm o respeito e cuidado. As mães do pós-parto, crianças recém-nascidas, especialmente, devem respeitar e ter muito cuidado.

Contam os narradores que, no começo do período da enchente do rio, aparecia sobre a pedra uma moça bonita, a encantada do lugar.



(Imagens e autoria de Fortunato Vicente – Prof. Baniwa)

24.2 La Piedra Esquilo

La Piedra Esquilo es un lugar sagrado y respetado por los antepasados.

Esta piedra está ubicada en el puerto de Tunuí, actualmente cerca del Puesto Base/DSEI³⁸.

Siempre se recomienda no tocar la piedra, pues, si se lo hace, suele producirse una reacción de la naturaleza, como una fuerte lluvia acompañada de truenos; a veces, incluso, puede provocar una enfermedad en la persona.

Por eso, las familias mantienen siempre el respeto y el cuidado. Las madres en el período posparto y, especialmente, los recién nacidos deben respetarla y tener mucho cuidado.

Cuentan los narradores que, al comienzo del período de creciente del río, aparecía sobre la piedra una hermosa joven, la encantada del lugar.

(Imágenes y autoría de Fortunato Vicente – profesor Baniwa)

³⁸ El Polo Base del DSEI (Distrito Sanitario Especial Indígena) es una unidad de atención y apoyo de la Secretaría Especial de Salud Indígena (SESAI) del Ministerio de Salud de Brasil, destinada a organizar y prestar atención a la salud de los pueblos indígenas en un territorio determinado. Los Polos Base articulan las acciones de los equipos de salud y sirven como referencia para las comunidades indígenas de su área de cobertura.

25. Kapitsirimi

Lhiehe kapitsirimi pakeetani koyali inomanaa pokoalhema inialiriko.

Lhia pida lhiehe hiipada Ñapirikoli ikapitsiremi.

Apawali pia pida lioma tha liokoka rhoa Amaro, liinoakaro rhoa. Metsa Amaro yanheekatsa Ñapirikoli yoomaka inoaka rhoa, neette ropitoka liodza.

Kadzokaro lipiñeta pia pida rhoa, nheette lino limaka likapitsire apawaliko.

Kadzokaro neenika lhiehe hiipada kapitsirimi.

Pandzette neenikatsa lirhoawa.

Wadeetsa watsa liokoka phia kheewite, keñedoami, kanopaite.

Nakaitepenipe nhaa wawherinaipe.



(Imagens e autoria de Fortunato Vicente – Prof. Baniwa)

25.1 A flecha de Ñapirikoli

Na época que Ñapirikoli andava no mundo, ele perseguia Amaro. Queria matá-la, mas ela era uma mulher sábia e corajosa.

Nesta viagem de perseguição, ele abandonou sua flecha de zarabatana aqui, e transformou-se em pedra, hoje localizada próxima da foz do rio Cuiari, no rio Içana. Por ter história de flecha, os velhos nos orientam a respeitá-lo, pois caso contrário, pode gerar problemas de saúde. Para os homens e mulheres, se tiverem pesadelo, mães pós-parto, crianças recém-nascidas, moças em fase menstrual, devem manter cuidado e distância.



(Imagens e autoria de Fortunato Vicente – Prof. Baniwa)

25.2 La flecha de Ñapirikoli

En la época en que Ñapirikoli andaba por el mundo, perseguía a Amaro y quería matarla, pero ella era una mujer sabia y valiente.

Durante este viaje de persecución, dejó aquí su flecha de cerbatana, que se transformó en piedra. Actualmente, se encuentra cerca de la desembocadura del río Cuiari en el río Içana.

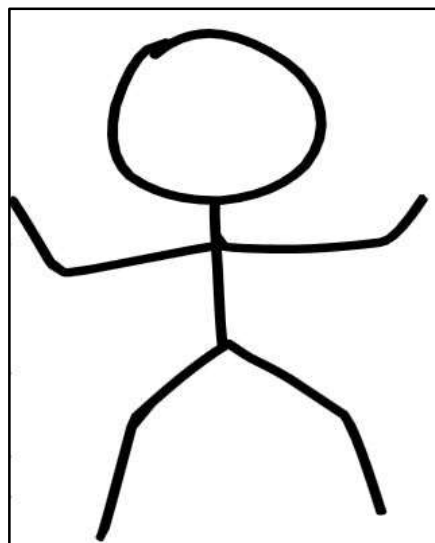
Por su historia como flecha, los ancianos recomiendan respetarla, pues, de lo contrario, puede ocasionar problemas de salud. Tanto los hombres como las mujeres deben tener cuidado y mantener la distancia si han tenido alguna pesadilla. Las madres en el período posparto, los recién nacidos y las jóvenes durante el período menstrual también deben mantener cuidado y distancia.

(Imágenes y autoría de Fortunato Vicente – profesor Baniwa)

PARTE III CONTOS MITOLÓGICOS DO POVO BANIWA

26. Kaalittairi

Lhia pideenhe heeko, lirhio pida lhienipe kaali. Kadzoxoopa pida waako, wainhaka wakaalewa ima kaawhidali kani. Lhia pida kaali lirhioka dzamada lienipe; Kalidoali nheette Kalidoaro. Ikatsa pida likadzeekatalika oopittoa ikadzeekatakawape whaa. Lhiawali pida mherapittinaakattoa pida palhioka kiniki. Ikatsa pida ikadaalika palhio phiome nhaa paniattinai. Lhiawalhi pida, karo pheraphittaka padzeekatakaro kiniki. Paakatsa pida pakapa lhieehe hiipai paamanida nheette patokhoa haiko kamoi imottoli nheette, lhiewali neerhe, ipeeremanako tsakha. kametsa pida padiaka liodza. Madalidaa iphomitte pida, ikameena paaka pakapani. Kadzo tsaka pida papanakani. Papeeko katsa kinikhii irhoawa, ikametsa pida padiaka liodza. Papieeta paaka paakapani, ikameena pida kinikekani matsia.



(Bonifácio José – Liderança Baniwa – entrevista e Tradução: Gilberto Garcia Filho – Baniwa)

26.1 Kaali

O Heeko tinha seu filho Kaali. Por isso que nós falamos que comemos para termos vida. O Kaali tinha dois filhos: Kalidoali e Kalidoaro. O Kaali instruiu-os para ensinar esta geração. Naquele tempo, era muito fácil fazer roça. O Kaali foi quem deixou para nós todas as frutas que temos nas roças. Antigamente, não havia tanto esforço para abrir uma roça. Para fazer uma roça, era necessário apenas ir até onde tem solo fértil escolhido, marcar com um galho em direção norte, sul e leste a oeste e depois voltar para a casa. E após três dias podia retornar ao local onde a derrubada estava feita. Mesma regra na atividade de plantio. Era apenas jogar uma estaca de maniva³⁹, no meio da roça e volta para a casa, e com a sabedoria do kaali, eram multiplicadas as estacas e a roça já estava plantada com as plantas frutíferas da roça.

(Bonifácio José – Liderança Baniwa – entrevista e tradução: Gilberto Garcia Filho – Baniwa)



Imagem do curta-metragem “Nora malcriada”⁴⁰, produzido pela profª Elisângela Fontes Olímpio em Assunção do Içana, que trata sobre a origem da roça.

³⁹ *Manihot esculenta*

⁴⁰ O curta-metragem pode ser assistido em: https://youtu.be/Ih0-nqT6twE?si=XylDLIPI_cz9d9gC

26.2 Kaali

Heeko tenía un hijo llamado Kaali. Por eso decimos que comemos para tener vida. Kaali tenía dos hijos: Kalidoali y Kalidoaro. Kaali les enseñó para que ellos, a su vez, enseñaran a esta generación.

En aquel tiempo, era muy fácil hacer una chacra. Fue Kaali quien nos dejó todas las frutas que tenemos en las chacras⁴¹.

Antiguamente, no había que hacer tanto esfuerzo para abrir una chacra. Para hacerla, solo era necesario ir hasta el lugar donde hubiera un suelo fértil previamente elegido, marcarlo con una rama en dirección norte, sur, este y oeste, y después regresar a casa. Al cabo de tres días se podía volver al lugar y la tala ya estaba hecha.

La misma regla se aplicaba a la actividad de siembra. Solo había que clavar una estaca de yuca en medio de la chacra y regresar a casa; gracias a la sabiduría de Kaali, las estacas se multiplicaban y la chacra ya estaba plantada con las plantas frutales de la chacra.

(Bonifácio José – liderazgo Baniwa – entrevista y traducción: Gilberto García Filho – Baniwa)



El líder Bonifácio José enseña el Alto Rio Negro en el documental São Gabriel da Cachoeira, “San Felipe - Viagens na Fronteira” (1999)⁴²

27. Kaalikattadapa

⁴¹ Otra palabra del castellano bastante usada en Venezuela para referirse a la chacra es conuco, posiblemente cercana de *kiniki*, de la lengua baniwa.

⁴² Video disponible en: <https://youtu.be/R4oEJyy1U7A?si=70CyVMAVj9Y8R6PO>



Lhia pia pideehe aapana haiko, malikaina. Lhia pideena Heema, ikatsa hitapiali naadza lhieehe tapee (malikai).

Ayaha haiko nako neeni pida nhaa aini iwapakape lhieehe haiko.

Nheette pida naaka naaphoa kaakoli nhaa iwapakapeni. Nheette pida naapirika heema yaaphoa kakoli. Liaphoakadanakottoa noda pida, ikatsa naakaka lhieehe kaalikattadapa. Napiri pida heema liaphoa wadee lhimaka haiko hiwakawa. Lipieta pida liaphoaka, metsa lianheeketsa pida namañetakani. Lhima kadanako pida haiko hikakawa, ikametsa pida limottoka lhiekowa, liakaro lhita lhieehe tapee. Lhitakadzami pida lhieehe tapee. Metsa namañeeta tseenakha ni nhetakaro tseenakha liodza lhieehe tapee.

*(Francisco Fontes – Sábio Baniwa – entrevista e Tradução: Gilberto Garcia Filho
– Baniwa)*

27.1 A Árvore Kaalikattadapa

Havia uma árvore de conhecimento em baniwa “malikaina”. A anta planejava tirar deles o remédio que estava na árvore. Na árvore, havia a casa da caba, e eram vigilantes do remédio. Certo dia, eles foram mergulhar o cacuri. E pediram para que a anta fosse mergulhadora. Quando a anta mergulhava cortavam derrubando a árvore kaalikattaadapa. Mandavam a anta continuar mergulhando, para não ouvir a árvore cair. Mandaram novamente, ele já desconfiado, descobriu que havia algo errado, pois sabia que algo estava acontecendo. Quando ele ouviu o som da queda de árvores, rapidamente saiu do cacuri, correu e pegou o remédio da árvore. Depois que ele pegou o remédio, enganaram ele outra vez para tomar dele o remédio.

*(Francisco Fontes – Sábio Baniwa – entrevista e Tradução: Gilberto Garcia Filho
– Baniwa)*



27.2 El Árbol Kaalikattadapa

Había un árbol del conocimiento en baniwa llamado “malikaina”. El tapir planeaba quitarles el remedio que se encontraba en el árbol.

En el árbol había una casa de avispas, que eran las guardianas del remedio.

Cierto día, fueron a sumergir el wairo y pidieron al tapir que fuera el buceador. Mientras el tapir se sumergía, comenzaron a cortar y derribar el árbol Kaalikattadapa.

Le ordenaban al tapir que continuara sumergiéndose, para que no escuchara el sonido de la caída del árbol. Se lo ordenaron nuevamente, pero él ya estaba desconfiado y descubrió que algo no estaba bien, pues sabía que algo estaba sucediendo.

Cuando escuchó el sonido de la caída del árbol, salió rápidamente del wairo, corrió y tomó el remedio del árbol.

Después de que tomó el remedio, lo engañaron nuevamente para quitárselo.

(Francisco Fontes – sábio Baniwa – entrevista y traducción: Gilberto Garcia Filho – Baniwa)



El investigador Gilberto García entrevistando al sabio Francisco Fontes, en 2026.

28. Heema



Naaka kadanako pia pida lhiehe haiko, karotsa pida koawadaka heema irhio phiome nhaaha liinaka, lioma phaa pida lhiehe tapee pikeetemidali irowa liwidaaponako. Nhema kadanako pida kadzoka liako, ikameena pida naako: warha wamañetani.

Warha wapiirri lia lioma wawiniwa, wainhawape waakakadanako lhiehe haiko. Dzamadaa iphomitte pida, lhimakadanako haiko hiiwakawa, ikametsa pida lidiaka kheedza. Lidiakaro lia lhita tapee.

Madalipi keeri iphomitte pida, ikameena lipadamakawa. Nheette lirhioka nhaa lidapale dzaawidzo. Ikameena pida nattathaka ni: koame piako nowhe? noomaka noinhaka neeniwiki pida liako. Ikameena pida nakeñoaka nhaa lírio doomali. Nakettapata pida lirhio doomali, linakokaro ni liowhaawa wadee linhaka newiki. ikametsa pida namañetaka nheta liodza tapee.

(Fortunato Vicente - Prof. Baniwa – entrevista e Tradução: Gilberto Garcia Filho – Baniwa)

28.1 Anta e Kalikattadapa

No dia da derrubada da árvore kaatlikattadapa, a anta não se importava com as frutas da árvore, pois o objetivo dele era tirar o remédio que estava pendurado na parte mais alta da árvore. Quando eles ouviram isso, eles planejaram enganar a anta. Vamos mandar ele ir caçar, para nós comermos no dia da derrubada. Ele foi caçar. Após três dias, ele ouviu o som da derrubada da árvore. Ele rapidamente voltou, lembrando do remédio. Após três meses, ele se transformou em onça querendo devorar as pessoas.

Perguntaram-lhe: o que você quer, vô? Ele respondeu: Quero comer pessoas! Depois pensaram em criar a fruta umari para dar de comer, para não devorar as pessoas. Ele sentiu o sabor do umari e depois desistiu de comer pessoas. Por fim, tiraram dele o remédio.



(Fortunato Vicente - Prof. Baniwa – entrevista e Tradução: Gilberto Garcia Filho – Baniwa)

28.2 La danta y Kalikattadapa

El día de la tala del árbol Kaatlikattadapa, a la danta no le importaban los frutos del árbol. Su objetivo era quitar el remedio que estaba colgado en la parte más alta del árbol.

Cuando escucharon esto, planearon engañar a la danta.

—Vamos a mandarlo a cazar, para que podamos comer el día de la tala.

La danta se fue a cazar. Después de tres días, escuchó el sonido de la tala del árbol. Regresó rápidamente, acordándose del remedio.

Después de tres meses, se transformó en jaguar, queriendo devorar a las personas. Le preguntaron:

—¿Qué quieres, abuelo?

Él respondió:

—¡Quiero comer personas!

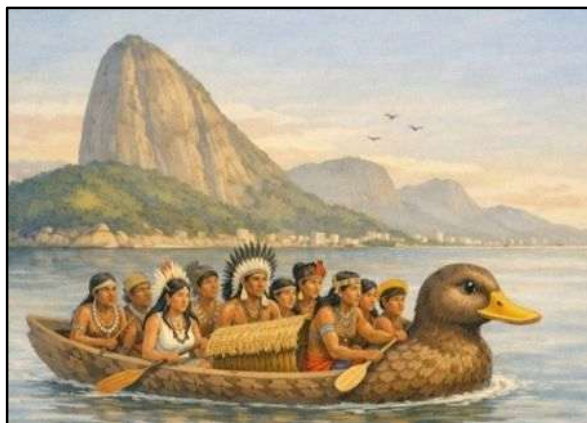
Entonces pensaron en crear el fruto del umarí para darle de comer, para que no devorara a las personas.

Sintió el sabor del umarí y después desistió de comer personas.

Finalmente, le quitaron el remedio.

(Fortunato Vicente – profesor Baniwa – entrevista y traducción: Gilberto Garcia Filho – Baniwa)

29. Koamepia wawherinaipe yeema oopi



Kadzo pia pida neemaka oopi nhaka wawherinaipe, matsia, namawadatsa. Apia pida neema nakeñoeta Maapa Hidzapani nheette Mapa kalittani. Ikatsa noada naiñhawadaka, nairawadaka.

Pandza lhiehe nanheri ipitana Rio de Janeiro. Nalhio pia pida apaita, heekoapi iminali lipina Ñapirikoli, imatsiatakaita nhaa, ikaitekaita, koamekaro neemaka heekoapiriko.

Naka pida Hiipana lhe ayaliriko madzakani kamo.

Nhapia pida nhaa inoli aya italiko, madaliana. Newikinai kenhetsa, Yalanawinai nheette Tapanai. Likeñoeta pida liwanaka Yalanawinai, Newikinai piketemi Tapanai. Apawali heekoapi pida, liapiñeta lidekaro nhaa heekoapi rikolhe. Ikapiatsa pida natani ikapakanaka pato dzoyali, ipitana Komatawhia. Nhera pia pida ooni pokhoette até naka pida Hiipana lhe.

Ñapirikoli iniweta Hiipai, likeñoeta pida liwanaka nhaa newikinai, liakaro nahlio hiipai, manopee kadana noada nhaa. Liwana pida: Hohodeni, Walipere, Dzawinai, Maoliene, Awadzoro, Komada minanai, Kapitti iminanai, Parattana, phiome phaa apana newikinai.

Pakhame pida Hiipai ñametsa pida kalheka likada nalhio nhaa yalanawinai nheette Tapanai. Kadzokaro pida likadaka nadia namarawa Onidiaka pemalhe lipiri nawa nemakaro nerhe.

(Ilda da Silva Cardoso – profª. Baniwa)

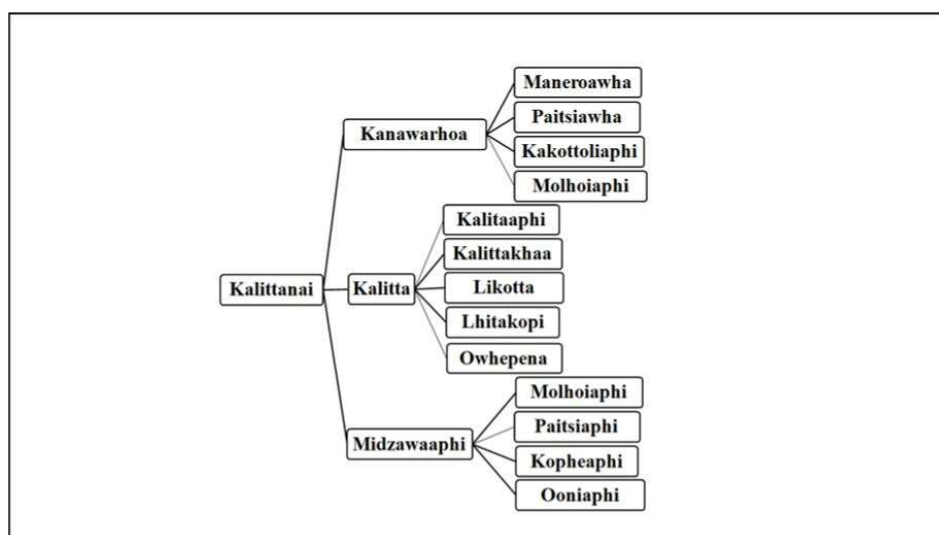
29.1 A origem da humanidade na mitologia Baniwa

Assim viviam os nossos antepassados, em harmonia e tranquilidade. Eles viviam ali, na Serra Pão de Açúcar e no Lago do Leite, com isso se alimentavam. Hoje em dia é chamado de Rio de Janeiro.

Havia um senhor conhecido como Dono do mundo, que se chamava Ñapirikoli. Ele era guardião, conselheiro e orientador para viver no mundo. Chegaram em Wapuí Cachoeira ao meio-dia. Ali estavam 3 grupos étnicos: o povo indígena, o branco e o negro. Os primeiros convocados ao sair do barco foram os Brancos, depois os Indígenas e os Negros.

Um dia, ele resolveu trazê-los ao mundo. A canoa era de formato de um pato, que se chamava canoa pato. Subiram de rio abaixo até chegar em Wapuí. Depois, Ñapirikoli distribuiu os territórios para cada grupo étnico, iniciando aos clãs do povo Baniwa, como: Inambú-tapuia, Siuci-tapuia, Onça-tapuia, e outros grupos, quando ele viu que não tinha mais espaço para o povo branco e negro, ele resolver enviá-los para outro território para outro lado do Oceano, para povoar e viver suas famílias.

(Ilda Cardoso da Silva - prof^a. Baniwa)



Rede de lagos do Rio Ayari, pesquisada pelo líder Juvêncio Cardoso (Dzoodzo, 2021, p. 83)

29.2 El origen de la humanidad en la mitología Baniwa

Así vivían nuestros ancestros, en armonía y tranquilidad.

Vivían allí, en la sierra Pan de Azúcar y en la laguna de la Leche, y se alimentaban de aquello que encontraban allí. Hoy en día, este lugar se conoce como Río de Janeiro.

Había un señor conocido como el Dueño del Mundo, llamado Ñapirikoli. Era guardián, consejero y orientador para vivir en el mundo.

Llegaron a Wapuí Cachoeira al mediodía. Allí estaban tres grupos étnicos: indígenas, blancos y negros. Los primeros en ser convocados para salir de la canoa fueron los blancos, los indígenas y los negros.

Un día, decidió traerlos al mundo. La canoa tenía la forma de un pato y se llamaba canoa-pato. Remontaron el río hasta llegar a Wapuí.

Después, él distribuyó los territorios entre cada grupo étnico, comenzando por los clanes del pueblo Baniwa, como Inambú-Tapuya, Siuci-Tapuya, Jaguar-Tapuya y otros grupos. Cuando vio que ya no había más espacio para los pueblos blanco y negro, decidió enviarlos a otro territorio, al otro lado del océano, para que poblaran esas tierras y vivieran allí con sus familias.

(Ilda Cardoso da Silva – profesora Baniwa)



Escena del documental "Pelas águas do rio de leite" (2018), narrado en lengua tukano.⁴³

⁴³ Video disponible en: https://youtu.be/CirpI_a_FJI?si=zyCbD0cm4B-4FR0x

Phiewa lirikoda lhiehe QR code, pikapakaro nhaha palenidape khema:

Acesse a leitura em voz alta das narrativas pelo seguinte QR code:

Acceda a la lectura en voz alta de las narraciones mediante el siguiente código QR:



CONCLUSÃO

O trabalho com as narrativas populares nos proporcionou uma profunda reflexão e uma oportunidade de pesquisar, valorizar e fortalecer os conhecimentos tradicionais do nosso povo. Ao relembarmos os momentos vividos com nossos pais, avôs e avós, e com os sábios das comunidades que tivemos a oportunidade de ouvir, percebemos a riqueza dos contos, das histórias, das lendas, dos lugares sagrados e dos ensinamentos transmitidos ao longo das gerações.

Foi uma experiência muito gratificante, pois despertou em nós a memória, o sentimento de pertencimento e a motivação para registrar conhecimentos que fazem parte da nossa identidade baniwa e koripako. Durante esse processo, percebemos que ainda existem muitos saberes, histórias e narrativas que permanecem apenas na memória dos mais velhos e que precisam ser registrados, publicados e compartilhados principalmente com os jovens e com a nova geração baniwa e koripako de 2026.

Concluimos que fortalecer as narrativas tradicionais é também fortalecer a língua, a cultura e a história do nosso povo. Agradecemos às lideranças representativas que contribuíram para a articulação deste projeto de cursinho, criando oportunidades de aprendizado e valorização dos nossos conhecimentos.

Manifestamos nosso agradecimento à equipe do CEUNIR/FEUSP, especialmente à professores: Ellie, Diana, Bruna e de maneira especial, ao professor Antônio, que coordenou as aulas e a execução das aulas, pela coordenação, paciência, dedicação e pelas orientações durante todo o processo. Através da tecnologia e da parceria entre São Paulo e o Alto Rio Negro, foi possível construir pontes de conhecimento, aprendizado e valorização cultural.

Foi uma grande oportunidade para enriquecer os aprendizados e a certeza de que registrar nossas narrativas é uma forma de manter viva a memória dos nossos antepassados e garantir que esses conhecimentos continuem caminhando junto às futuras gerações.

Autores

CONCLUSIÓN

El trabajo con las narrativas populares nos proporcionó una profunda reflexión y una oportunidad para investigar, valorar y fortalecer los conocimientos tradicionales de nuestro pueblo. Al recordar los momentos vividos con nuestros padres, abuelos y abuelas, así como con los sabios de las comunidades que tuvimos la oportunidad de escuchar, percibimos la riqueza de los cuentos, las historias, las leyendas, los lugares sagrados y las enseñanzas transmitidas a lo largo de las generaciones.

Fue una experiencia muy gratificante, pues despertó en nosotros la memoria, el sentimiento de pertenencia y la motivación para registrar conocimientos que forman parte de nuestra identidad baniwa y koripako. Durante este proceso, nos dimos cuenta de que todavía existen muchos saberes, historias y narrativas que permanecen únicamente en la memoria de los mayores y que necesitan ser registrados, publicados y compartidos, principalmente con los jóvenes y con la nueva generación baniwa y koripako de 2026.

Concluimos que fortalecer las narrativas tradicionales es también fortalecer la lengua, la cultura y la historia de nuestro pueblo. Agradecemos a los líderes representativos que contribuyeron a la articulación de este proyecto de curso, creando oportunidades para el aprendizaje y la valoración de nuestros conocimientos.

Expresamos nuestro agradecimiento al equipo del CEUNIR/FEUSP, especialmente a los profesores Elie, Diana y Bruna y, de manera especial, al profesor Antônio, quien coordinó las clases y su ejecución, por su coordinación, paciencia, dedicación y por las orientaciones brindadas durante todo el proceso. A través de la tecnología y de la colaboración entre São Paulo y el Alto Río Negro, fue posible construir puentes de conocimiento, aprendizaje y valoración cultural.

Fue una gran oportunidad para enriquecer nuestros aprendizajes y reafirmar la certeza de que registrar nuestras narrativas es una forma de mantener viva la memoria de nuestros antepasados y garantizar que estos conocimientos continúen acompañando a las futuras generaciones.

Los Autores

LIWADZAKETAKANAA

Wawadzakeeta kadanako lhiehe wadeenhikale tsoodalitsa, waama wakaiteka iakotti matsiadali waminali irhio ikadaali walhio ianheekhetti nheette kaawhikali.

Nheette nalhio tsakha nhaaha ikadzeekatakape wahaa ayaaha “Curso – Textos do Território – CEUNIR/FEUSP/Nadzoeri – 2026”, nheete padeeniri nalhio tsakha nhaaha wakitsiena ikadzeekataakakawa cursoliko.

Liehee wadenhikale, walidali iwapiñeetakhattitsa, wadanaka wakoliko naapidza nhaaha yeenipettipe ikadzeekatakape, ittatheetakape, ipedzokape ileeka tsakha oo phiome apadawa.

Liyo, wawapiñeeta wakakoodataka lhiehe waako baniwa, whaa medzeniakonai ayaha wadzakapeleriko nheette phiome kalhekatsa weema.

Wawapiñeta likitsindataka watsa phia ikadzeekatakaita (professor (a), pideenhi kadanako naapidza nhaada yenipettipe.

Ikametsa! Grato! Gracias!



Gilberto Garcia em atividade de pesquisa na III Oficina de documentação e diagnóstico da diversidade linguística medzeniako, na comunidade Assunção do Içana, em 2026.

AUTORES

Nomes	Clã Baniwa	Função	Formação
Daniel Benjamim da Silva	Siuci-Tapuia	Professor	Graduado (UEA)
Silvia Garcia da Silva	Onça-Tapuia	Professora	Graduada (UFAM)
Orlando Garcia Gonçalves	Siuci-Tapuia	Professor	Graduada (UFAM)
Fortunato Vicente	Siuci-Tapuia	Professor	Graduado (IFAM)
Gilberto Garcia Filho	Siuci-Tapuia	Pesquisador	Graduado (UEA)
Ilda da Silva Cardoso	Siuci-Tapuia	Professora	Graduado (UEA)



Algumas imagens são registros fotográficos reais dos autores. Outras foram geradas com a inteligência artificial (CHAT GPT e CANVA). Convidamos os professores que farão uso desse material a animar seus alunos para desenhar as paisagens, as personagens, os animais e as plantas presentes em cada uma das narrativas.

São Gabriel da Cachoeira – AM, 29 de junho de 2026.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Juvêncio da Silva. Narrativa sobre água e os saberes ambientais Baniwa: contribuição para ensino de ciências na escola indígena de educação básica”. 2021. 115 f. Dissertação (Mestrado em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais) - Universidade Federal do Amazonas, São Gabriel da Cachoeira (AM), 2021. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/8495>

DA SILVA, D.; DA SILVA, F.; LAUCHO, M.; PRADILLA, H.; ORTIZ, F. *Viaje al Isana–Ayari: informe preliminar sobre el viaje realizado a los ríos Isana y Ayari*. São Paulo: Instituto Socioambiental (ISA), 1999.

Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/0AD00394.pdf>

FONTES, Afonso et al. Baniwa Coripaco Iemakaa. Foirn/ISA, 2001. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/publicacoes-isa/baniwa-coripaco-iemakaa>

FONTES, Afonso; DINIZ, Laise Lopes; TRUJILLO, Trinho Paiva. Ikadzekatakadapha. Foirn/ISA, 2001, 2005.

Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/publicacoes-isa/ikadzekatakadapha>

GHANEM, Elie; PELLEGRINI, Diana de Paula; GÓES NETO, Antônio Fernandes (Org.). *Educação que produz conhecimento: pesquisas de estudantes indígenas do alto Rio Negro*. Faculdade de educação da Universidade de São Paulo, 2019. São Paulo: Feusp. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/9786550130053>.

ÑÁÑEZ, Omar González. La lectura de las piedras: arte rupestre y culturas del noroeste amazónico. Boletín Antropológico, v. 38, n. 99, p. 107-141, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/712/71263369006/71263369006.pdf>

LONDRES, Grupo Nova. "Uma Pedagogia dos Multiletramentos: projetando futuro sociais." Revista Linguagem em foco 13.2 (2021): 101-145. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/5578>

NADZOERI. 2021. PGTA Nadzoeri: Plano de Gestão Territorial e Ambiental da Organização Baniwa e Koripako. São Gabriel da Cachoeira: FOIRN/ISA. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/pgta-nadzoeri-plano-de-gestao-territorial-e-ambiental-da-organizacao-baniwa-e>



TAYLOR, Gerald; MONSERRAT, Ruth. Contos populares em nheengatu: Ilha Grande, Tapuruquara, Rio Negro, 1983. Revista Brasileira de Linguística Antropológica, v. 17, 2025. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/ling/article/view/61009>

WRIGHT, Robin M. *Cosmos, self, and history in Baniwa religion: for those unborn*. Austin: University of Texas Press, 1998. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/389374329_Cosmos_Self_and_History_in_Baniwa_Religion_For_Those_Unborn

WRIGHT, Robin. Mitagens e seus significados no Noroeste amazônico. In: MARTINS, Maria Sílvia Cintra (org.). *Ensaio em interculturalidade: literatura, cultura e direitos de indígenas em época de globalização*. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

XAVIER, Carlos Cesar Leal. *A cidade grande de Ñapirikoli e os petroglifos de Içana: uma etnografia de signos Baniwa*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008. Tese/Dissertação. Disponível em: <https://saudeindigena.fiocruz.br/items/2cb4d7cb-afa2-4aca-9a65-b9c3681fc30c>